ESPECIAL PLACAR

Abril

AS 10 PERGUNTAS ESSENCIAIS DO ANO
(E ATÉ DAMOS AS RESPOSTAS!)

POR QUE PERDEMOS A LIBERTADORES?

POR QUE DEU ZEBRA NA EUROPA?

POR QUE É BOM SER PEQUENO?

POR QUE ESTÁ SURGINDO UMA NOVA ELITE NO BRASIL?

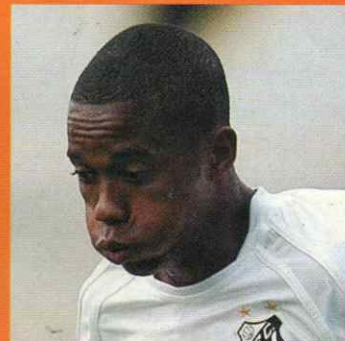
POR QUE A SELEÇÃO É POP?

POR QUE PELÉ E MARADONA NÃO SOSSEGAM?

POR QUE RONALDINHO GAÚCHO É O MELHOR DO MUNDO?

POR QUE O NORDESTE DÁ SHOW NAS ARQUIBANCADAS?

POR QUE ROMÁRIO ENROLA TANTO PARA PARAR?

POR QUE VIRAMOS MENINAS NAS OLIMPÍADAS?

ESCOLHA AS FRASES MAIS CRETINAS

AS FOTOS ESPETACULARES DA TEMPORADA

RETROSPECTIVA 2004

LISTAS, LISTAS, LISTAS

OS CRAQUES, AS MELHORES E PIORES CONTRATAÇÕES, OS VEXAMES, AS ALEGRIAS E TRISTEZAS, OS BONDES QUE VIRARAM CRAQUES, OS TIMAÇOS, AS REVELAÇÕES, QUEM DEU A VOLTA POR CIMA

7 893614 025346
ED.1277-A DEZEMBRO 2004 R$ 8,95

VAI ENTENDER 2004...

Foi um ano bem estranhinho, convenhamos. Um Campeonato Brasileiro trepidante, com disputas ranhidas no topo e na rabeira da tabela. E um público pagante decepcionante, em contrapartida. Vimos a Seleção brilhar com Ronaldos, Kaká e Adriano, vibramos com vitórias maiúsculas sobre a Argentina. Ao mesmo tempo, quase dormimos em apresentações chochas contra equadores e colômbias da vida. Assistimos pela TV a força de Barcelona, Arsenal, da Seleção Francesa. Só que na hora do vamuvê, deu Porto e Seleção da Grécia. Por aqui os deuses do futebol também fizeram das suas. Ou melhor, os santos trabalharam forte. São Caetano no Paulista, Santo André na Copa do Brasil. Parecia que tínhamos aprendidos a usar com parcimônia os tribunais. No início do Brasileirão, os roubos de pontos por inscrições irregulares perderam a força e valeu o resultado de campo. No final, como urubus sedentos de sangue, os advogados e promotores de porta de tribunal caíram matando em cima de um corpo. No caso, o corpo do zagueiro Serginho, tombado no exercício da profissão. O que era para ser uma seríssima questão policial de apuração de responsabilidades para eventuais punições aos responsáveis, virou uma caça aos pontos do São Caetano. Para conseguir vagas à Libertadores, escapar da Segundona ou simplesmente descolar uns minutos de glória na televisão, pisotearam em um cadáver.

Em um ano tão complexo, tão cheio de contradições, uma retrospectiva convencional não dava conta. É claro que era preciso procurar e publicar as melhores fotos, uma obrigação da revista que melhor fotografa futebol no Brasil. Também tínhamos que lembrar de algumas listas de melhores e piores, resgatar frases divertidas e infames. Mas era necessário guardar um bom espaço para explicar com profundidade as grandes questões de 2004. Eventualmente, questões que até abordamos em edições ao longo do ano. Só que faltava amarrar tudo, desenvolver raciocínios. Essa foi a missão conferida ao editor Álvaro Almeida, que convocou para a empreitada seus escudeiros Tomaz Rodrigo Alves, Cassiano Ricardo Goubbet, Carlos Eduardo Freitas e Ednilson Valia. Alexandre Battibugli e Márcio Penna, os populares Batti e Marcião do Tomate Seco, trataram de transformar um montão de letrinhas em páginas elegantes com fotos atraentes.

SÉRGIO XAVIER FILHO,
DIRETOR DE REDAÇÃO

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile

Presidente Executivo: Maurizio Mauro

Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thaís Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal

Diretor Superintendente: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Editor de arte:** Crystian Cruz **Editores:** Gian Oddi e Maurício Ribeiro de Barros **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Virgilio Sousa **Colaboradores:** Álvaro Almeida (editor), Alexandre Battibugli (editor de fotografia), Marcio Penna (edição de arte), Marcel Votre (arte)

www.placar.com.br

APOIO EDITORIAL Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Grassetti **Serviços editoriais:** Wagner Barreira **Depto. de Documentação e Abril Press:** Grace de Souza **Publicidade: Diretor de Vendas:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Letícia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo, Leda Costa (RJ) **Gerentes de Vendas:** Marcos Peregrina Gomez (SP), Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Marcello Almeida, Emiliano Hansenn, Renata Miolli, Vlamir Aderaldo (SP) Cristiano Rygaard, Yam Gellineaud (RJ) **Coordenadora:** Cristina Pessoa (RJ) **NÚCLEO ABRIL DE PUBLICIDADE Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado, Fernando Sabadin **Gerente de Classificados:** Francisco Raymundo Neto **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing:** Ricardo Cianciaruso **Gerente de Produto:** Cristina Ventura **Gerente de Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristiana Cardoso e Gabriela Yamaguchi **Processos:** Alberto Martins e Carla Zucas **Gerente de Processos:** Renato Rozanti e Ricardo Carvalho **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Júnior **ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávolos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037 5759 **Classificados:**0800-132066, Grande São Paulo 3037-2700. **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte** – Av. do Contorno, 5.919 - 9º andar - Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo, tel.:(31) 3282-0630, fax: (31) 3282-8003 **Blumenau** – R. Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036–150, M.Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, Fax: (47) 329-6191 **Brasília** – SCN Q. 01 Bl. C Ed. Brasília Trade Center, 14º andar sl. 1.408 Tel. 315.7554 **Campinas**– R. Conceição, 233 - 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Cuiabá** - MT Fênix Propaganda Ltda. Rua Diamantino, 13 – quadra 73 Morada da Serra Cep.: 78055-530 Telefax:(65) 3027-2772**Curitiba** – Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis** – R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sl 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, tel.: (48) 232-1617 Fax: (48) 232-1782 **Fortaleza** – Av. Desembargador Moreira, 2020, sls 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midiasolution Repres e Negoc em meios de Comunicação, telefax: (85) 264-3939 **Goiânia** – R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville** – R. Dona Francisca, 260, Sl 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, telefax: (47) 433-2725 **Londrina** – R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml, telefax: (43) 325-9649 / 321-4885 **Manaus** - AM) Paper Comunicações- Cel.: (0xx92) 9971-9123 Av. Joaquim Nabuco, 2074 – Loja 2 Centro , Manaus – AM – Cep 69020-070 Telefax: (92) 233-1892/231-1938**Porto Alegre** – Av. Carlos Gomes, 1155, sl 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3388-4166, fax: (51) 3332-2477 **Recife** – R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sl 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto** – R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro** – Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282. tel.:(21)2546-8100, fax: (21)2546-8201 **Salvador** – Av.Tancredo Neves, 805, Sl 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba,CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória** – Av. Rio Branco , 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propaganda e Marketing Ltda, telefax: (27) 3325-3329 **Escritório no Exterior: Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. **Distribuição:** Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL **Veja:** Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais **Negócios:** Exame, Você S/A **Jovem:** Almanaque Abril, Cartoon, Disney, Guia do Estudante, Heróis, Heróis da TV, Pica-Pau, Recreio, Simpsons, Spawn, Witch, Capricho, Playboy **Estilo:** Claudia, Elle, Estilo de Vida, Manequim, Manequim Noiva, Nova **Turismo e Tecnologia:** Aventuras na História, Guia Quatro Rodas, Info, Mundo Estranho, National Geographic, Placar, Quatro Rodas, Revista das Religiões, Superinteressante, Viagem e Turismo, Vip **Casa e Bem-Estar:** Arquitetura e Construção, Boa Forma, Bons Fluidos, Casa Claudia, Claudia Cozinha, Saúde!, Vida Simples **Alto Consumo:** Ana Maria, Contigo!, Faça e Venda, Minha Novela, Tititi, Viva Mais! **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

Retrospectiva **PLACAR** nº 1577-A, dezembro de 2004, é uma publicação da Editora Abril Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC):
Grande São Paulo: 5087-2112, Demais localidades: 0800-704-2112, Fax: 11-5087-2112
Serviço de Vendas de Assinaturas (SVA):
Grande São Paulo: 3347-2121, Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

FIPP | ANER

Presidente e Editor: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Maurizio Mauro, Thomaz SoutoCorrêa

Presidente Executivo: Maurizio Mauro

Vice-Presidentes: Cesar Monterosso, Deborah Wright, Emílio Carazzai, Gincarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

www.abril.com.br

SUMÁRIO

RETROSPECTIVA PLACAR 2004

HORA DO ESPANTO

O juiz Luiz Antônio da Silva Santos aplica um cartão amarelo no zagueiro flamenguista Henrique, no primeiro jogo da final do Campeonato Carioca. A atitude, sempre teatral entre os nossos árbitros, parece arrancar um grito de espanto e deboche do placar eletrônico do Maracanã: "Noooooooossa!"

FOTO EDUARDO MONTEIRO

Imagens
VARIG
Claro
14

BAILE DE MÁSCARAS

O estilo do holandês Davids (que usa um óculos especial para proteger-se de um glaucoma) fez adeptos no Brasil. O zagueiro do Furacão Fabiano fraturou o nariz e jogou várias partidas com uma máscara, enquanto o gremista Elton pareceu estar pronto para mergulhar, mas na verdade se recuperava de uma cirurgia corretiva de miopia.

FOTOS EDISON VARA
JÁDER DA ROCHA (ESQUERDO)

PARA NÃO BATER A CABEÇ

A julgar por essa imagem, o goleirão Fernando, do Juventus, é um gigante de quase três metros de altura, que precisa mesmo de uma trave especial como essa para ficar embaixo sem bater a cabeça ou ter de ficar o tempo todo curvado. Nada disso, apenas a lente mágica do nosso fotógrafo.

Foto ALEXANDRE BATTIBUGLI

TOPPER

O INCRÍVEL HOMEM ELÁSTICO

Repare bem: o goiano Tiago estava com o supercílio machucado e, portanto, era de bom tom que evitasse cabecear a bola. Isso não foi problema. Demonstrando ótimo preparo físico e grande elasticidade, levantou o pé à altura da cabeça e despachou o problema.

FOTO RENATO PIZZUTTO

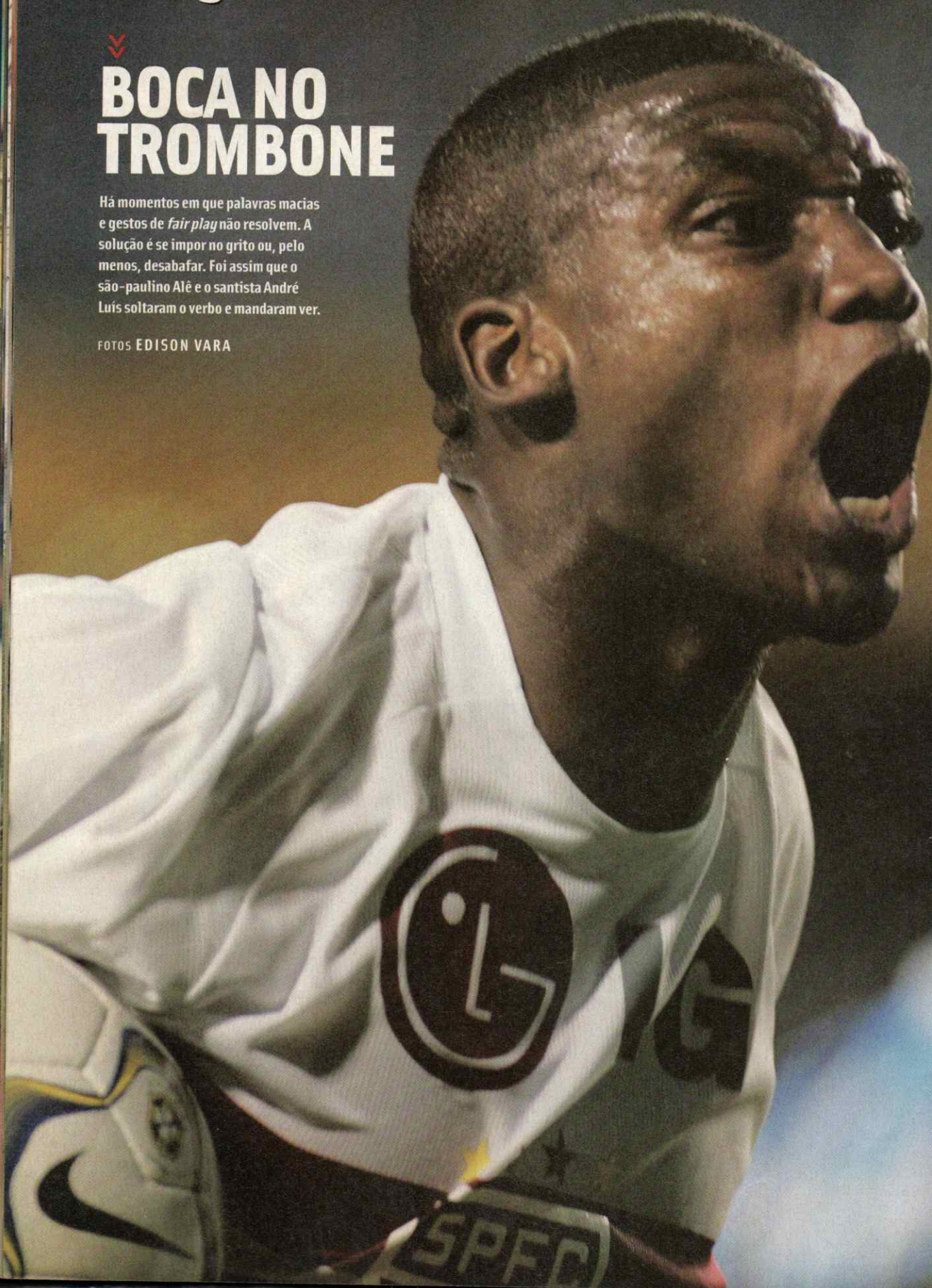
RIVALDO VOLTA POR CIMA

Ele precisava dar a volta por cima, depois de fracassar no Milan, e o Cruzeiro foi a alternativa no início do ano. Rivaldo acabou indo embora do clube em solidariedade ao demitido técnico Vanderlei Luxemburgo, mas deu tempo de mostrar que estava decidido a passar por cima da má fase ou de quem quer que ficasse no seu caminho. Melhor para o Olympiakos, que desfruta hoje do futebol revigorado do craque.

FOTO EUGÊNIO SÁVIO

BOCA NO TROMBONE

Há momentos em que palavras macias e gestos de *fair play* não resolvem. A solução é se impor no grito ou, pelo menos, desabafar. Foi assim que o são-paulino Alê e o santista André Luís soltaram o verbo e mandaram ver.

FOTOS EDISON VARA

Imagens

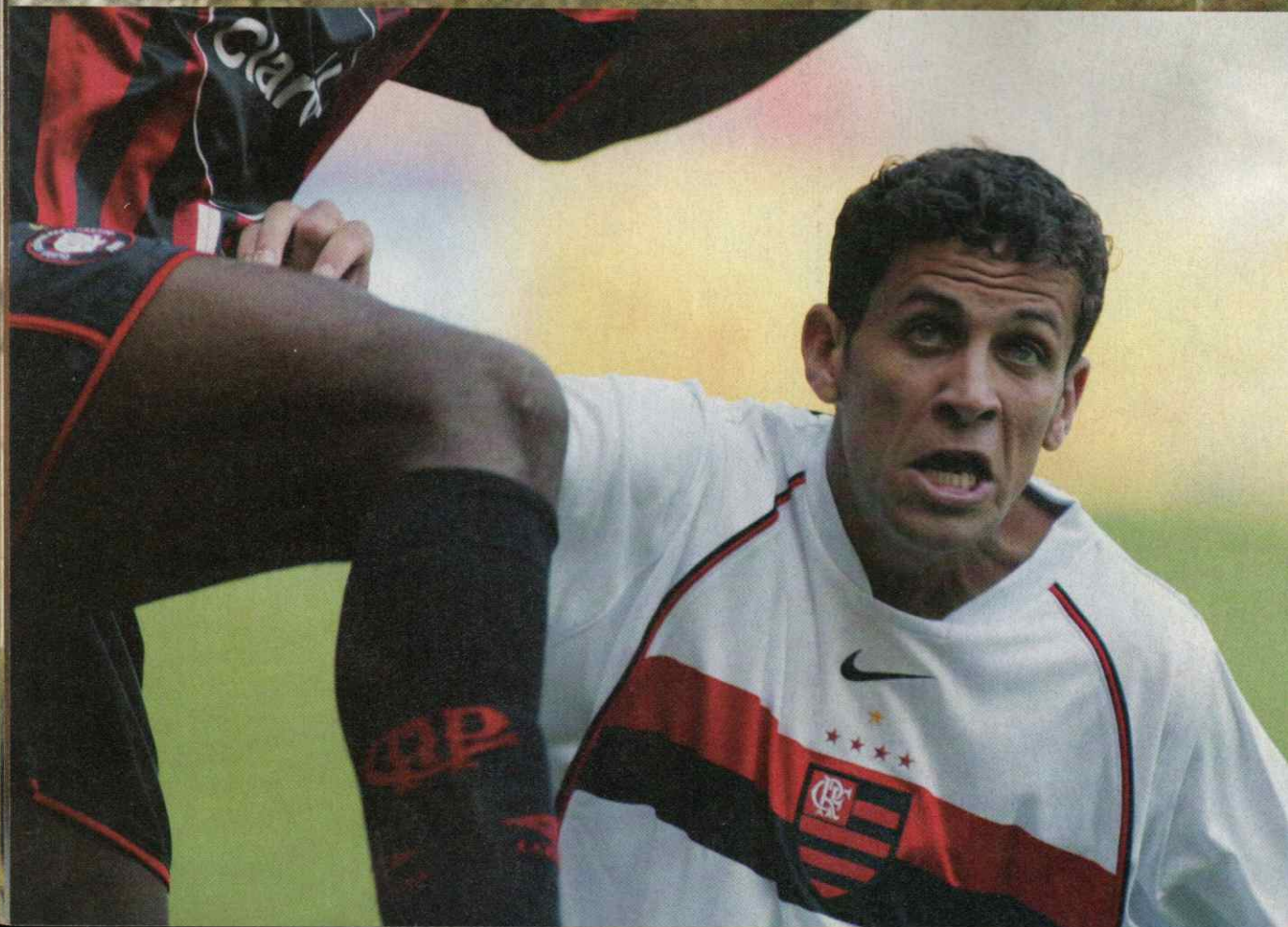
MÃO NADA GENTIL

Zagueiro que se preza pára a jogada de qualquer maneira... O corintiano Ânderson leva a máxima a sério e, se não for na categoria, que seja com a perna, peito, ombro ou até a mão na cara do atacante adversário. Azar de Thiago Gentil. Aliás, nesse duelo, a cortesia ficou só no nome do palmeirense.

FOTO PABLO REY

FUTEBOL ESPORTE DE CONTA

Mas tudo tem limite. Sob certos ângulos, o fervor da batalha provoc cenas inusitadas e algumas ilusões ótica. Grafite (*ao lado*) parece não medo de colocar a cara na chuteira rival; o flamenguista Jean (*abaixo*) acha o que não deve; e os s paulinos Cicinho e Fabão...

FOTOS RENATO PIZZUTTO
JÁDER DA ROCHA (ABAIXO)

POBRE REDONDA

Jogada digna de um teste de durabilidade: o cruzeirense Maldonado encarou a dividida com os rivais do América Mineiro e quem sofreu foi a bola, que aliás deve ter ficado bicuda depois dessa...

FOTO **EUGÊNIO SÁVIO**

MAGRELA ILUMINADA

O santista Basílio teve uma grande temporada na Vila Belmiro como primeiro reserva do ataque. Marcou gols, armou contra-golpes mortais, driblou... E inventou bicicleta até quando não tinha bola.

FOTO RENATO PIZZUTTO

10 PERGU NÃO QU

1 POR QUE A SELEÇÃO É POP?

4 POR QUE DEU ZEBRA NA EUROPA?

2 POR QUE PERDEMOS A LIBERTADORES?

5

3 POR QUE É BOM SER PEQUENO?

POR QUE O BRASILEIRO DE PONTOS CORRIDOS CRIOU UMA NOVA ELITE?

NTAS QUE ...EREM CALAR

O ANO FOI AGITADO PARA O FUTEBOL. DE JANEIRO A DEZEMBRO, NÃO FALTOU NOTÍCIA BOA. NEM RUIM. A SEGUIR, PLACAR DÁ AS RESPOSTAS PARA VOCÊ ENTENDER 2004

6 POR QUE PELÉ E MARADONA NÃO SOSSEGAM?

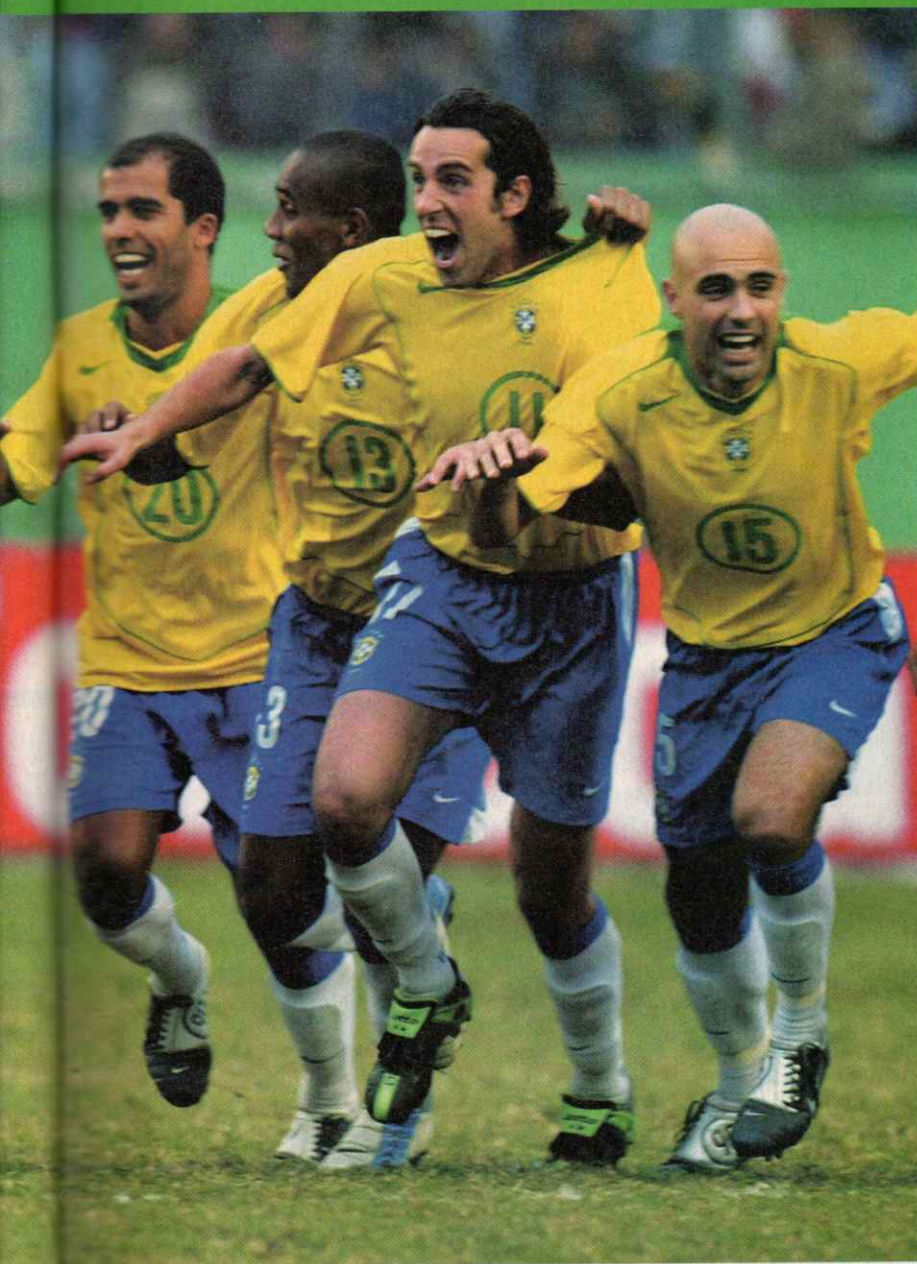
7 POR QUE VIRAMOS MENINAS NAS OLIMPÍADAS?

8 POR QUE ROMÁRIO NÃO ZELA PELO SEU PASSADO?

9 POR QUE O NORDESTE DÁ SHOW?

10 POR QUE RONALDINHO GAÚCHO TEM O MUNDO A SEUS PÉS?

Jogadores do time reserva do Brasil comemoram a vitória nos pênaltis sobre a Argentina na final da Copa América

POR QUE A SELEÇÃO É *POP*?

PIER GIAVELLI

Desfile em carro aberto, delírio pelas ruas, aplausos de multidões. As cenas que se viram no Haiti resumem o ano de *pop-star* que viveu a Seleção Brasileira em 2004. Em todos os jogos que o Brasil fez neste ano – da fria Alemanha ao Chile, passando por Budapeste, Maceió e São Paulo –, o time gerou frisson e teve recepções dignas de astros do rock. Tamanha adoração contrasta com o estilo discreto que a Seleção vinha mantendo entre 1998 e 2002. Por que a mudança? O grande motivo que condiciona a popularidade internacional da Seleção é o desempenho na Copa do Mundo. Nos quatro anos que sucederam ao Mundial da França, eram dos *Bleus* os jogadores mais badalado do planeta – ajudados pelos fracos resultados do Brasil no período. Mas com o fracasso francês na Copa de 2002 e o título brasileiro, o foco passou para a Seleção verde-amarela.

Ser campeão mundial atraiu os olhares da mídia para os craques brasileiros. Mais importante ainda, voltou a aguçar a atenção dos patrocinadores. Com a Nike à frente, grandes empresas concentraram suas campanhas em astros como Ronaldo, Kaká e Ronaldinho Gaúcho. Para completar, num período de 9 meses, entre 18 de fevereiro e 17 de novembro, o Brasil entrou em campo nada menos que 19 vezes. Contando as reportagens pré e pós-jogo, essa intensa campanha garantiu ao time de Parreira exposição quase ininterrupta nos noticiários internacionais. Somando comerciais e cobertura jornalística, o Brasil foi disparado a seleção que mais apareceu na mídia no ano de 2004, o que foi vital para consolidá-la como ícone pop.

Mas tudo isso de nada adiantaria se os jogadores brasileiros não estivessem passando por boa fase

ESTRELAS, GLAMOUR, IDOLATRIA, ASSÉDIO E TAMBÉM BOLA NO PÉ. A TURMA DE PARREIRA VIROU UMA ESPÉCIE DE *BEATLES* DO FUTEBOL

A Seleção desfila em cima de um carro militar no Haiti, cercada pelo povo: momento sublime

Ronaldo e a comemoração que virou marca registrada: homenagem à amada Daniela Cicarelli

RENATO PIZZUTTO

> **"O BALANÇO DO ANO FOI BOM. FOMOS CAMPEÕES DA COPA AMÉRICA E ESTAMOS ENTRE OS PRIMEIROS NAS ELIMINATÓRIAS"**
>
> PARREIRA, ANALISANDO A TEMPORADA

nos campeonatos europeus. Em 2004, praticamente todos os times de grande apelo popular do Velho Continente contaram com astros da Seleção em destaque: Ronaldo e Roberto Carlos no Real Madrid; Dida, Cafu e Kaká no Milan; Edu e Gilberto Silva no Arsenal; Lúcio e Zé Roberto no Bayern de Munique; Ronaldinho Gaúcho no Barcelona; Adriano na Internazionale; Juninho Pernambucano no Lyon, entre outros.

A boa fase foi comprovada com a indicaçã seis brasileiros (Adriano, Cafu, Kaká, Ro Carlos e os Ronaldos) para o prêmio de Jog do Ano da FIFA, número superior ao de qual outro país. O título mundial, a intensa cobe da mídia, a presença de ídolos e a promess um futebol alegre e ofensivo criaram para o B uma aura de *dream team*. Essa percepçã beneficiada pelo fato da Seleção ter atuad alguns dos amistosos mais badalados do ano meiro, participou da festa do centenário da F em que não conseguiu vencer a França, ma alguns belos lances. Logo em seguida, outra – o centenário da seleção da Catalunha, em q Brasil goleou os anfitriões por 5 x 2. Depois agosto, causou verdadeiro frenesi ao chegar p "jogo da paz" do Haiti, no qual a Seleção de verdadeiro show aos anfitriões.

Sucesso também em casa

Na história da Seleção, popularidade no rior e popularidade no Brasil nem sempre a ram juntas. Mas em 2004 a fase foi tão boa q time de Parreira conseguiu conciliar sucess duas frentes. O título da Copa América co buiu muito para o sucesso doméstico. Além prazer de derrotar a eterna rival Argentina troféu conquistado com a "Seleção B", jog um bom futebol, deixou na torcida a sensaçã que o Brasil está no caminho certo.

E não foi à toa. Embora muitos dos países disputaram a Copa América também ten levado seus times "B", o desempenho brasi

RENATO PIZZUTTO

Ronaldinho Gaúcho: o mais espetacular do mundo ainda não fez chover na Seleção

O time, vestido à antiga, na comemoração do aniversário da Fifa, em Paris: existem craques mais *fashion* do que os nossos?

O futebol é pop!

O Brasil é a seleção mais pop do mundo, mas isso não quer dizer que seja o único time que tem tratamento de ídolo de rock no planeta. Quando olhamos os clubes, vemos algumas marcas ainda mais poderosas que a nossa camisa amarela.

A popularidade das equipes fora de seus países (especialmente em mercados emergentes do futebol, como a Ásia) está diretamente ligada a seus astros. E quando o assunto é fama, ninguém ganha do Real Madrid. Com Beckham, Ronaldo, Zidane, Figo, Roberto Carlos e Raúl, os Merengues causaram verdadeira comoção na pequena turnê que fizeram pelo Japão antes do início da temporada européia. O Barcelona não ficou atrás de seu tradicional rival e foi para Coréia do Sul e Japão desfilar seus novos contratados: Deco, Giuly, Belletti, Edmilson e Eto'o, além do astro Ronaldinho Gaúcho. O Valência fez o mesmo e também desfilou por terras nipônicas.

Mas se o assunto é time pop-star, não dea para deixar de falar do Manchester United, que foi o grande precursor dessa onda de marketing. Em 2004, o foco do time foi os Estados Unidos, onde os *Red Devils* consolidam cada vez mais sua marca. Ao lado de outros grandes clubes (Chelsea, Bayern de Munique, Porto e Liverpool, entre outros), os ingleses participaram da "Champions World Series" e conseguiram lotar os estádios em todas as partidas que disputaram.

ficou acima do esperado, provando que a Seleção tem boas opções além dos astros titulares: Renato, Juan e Júlio César foram bem, isso sem falar na explosão (aos olhos dos brasileiros) de Adriano, artilheiro do torneio e que já vinha de grande temporada na Itália. "Vimos que temos bons jogadores para muitos anos ainda", avaliou Parreira após o título.

A popularidade no país manteve-se com a boa vitória sobre a Bolívia, em uma grande festa armada para o Dia da Independência. No Morumbi lotado por uma platéia de espetáculo musical, capaz de pagar ingressos de 50 reais, a Seleção aproveitou-se da fragilidade do adversário e deu show durante o primeiro tempo. No jogo seguinte, contra a Colômbia, repetiram-se as cenas de adoração aos jogadores, embora o desempenho dentro de campo tenha decepcionado.

Prestígio em alta, resultados nem tanto

O mais curioso em relação à popularidade do Brasil em 2004 é que os resultados da Seleção no período não foram tão bons. No balanço geral, os resultados podem ser considerados positivos: em 19 partidas, a Seleção venceu nove vezes e perdeu

PIER GAVELLI

O fim de um ciclo

Enquanto a popularidade da Seleção Brasileira estica a vida útil de nossos astros, as grandes seleções européias vivem um período de reformulação. Com os times em baixa, vários astros aproveitaram para anunciar sua aposentadoria da seleção.

• Na Inglaterra, Paul Scholes, de 29 anos, decidiu deixar a seleção para se concentrar no Manchester United.

• Em Portugal, a grande aposentadoria foi a de Luís Figo. "Chegou o momento de fazer uma pausa. Não sei, ainda, dizer se para sempre."

• Na Itália, não houve aposentadorias formais, mas o técnico Marcello Lippi está promovendo reformas no time. Veteranos, como Del Piero, Inzaghi e Vieri, podem sumir das listas de vez.

• Situação parecida é a da Alemanha, onde nomes como Bobic, Wörns e Nowotny dificilmente serão chamados por Jürgen Klinsmann.

• Mas a equipe mais afetada pelas aposentadorias é, de longe, a França, que perdeu de uma vez só Lizarazu, Desailly, Thuram e, o mais importante, Zinedine Zidane.

apenas duas; marcou 41 gols e sofreu 16. Porém, esses totais escondem um problema.

Durante o ano, o Brasil enfrentou seis adversários que podem ser considerados muito fracos: Hungria, Catalunha, Costa Rica, Haiti, Bolívia e Venezuela. Se levarmos em consideração apenas os resultados dos outros 13 jogos, o desempenho brasileiro cai dramaticamente. Nessas partidas, foram apenas três vitórias, contra oito empates (incluindo quatro 0 x 0) e duas derrotas. O número de gols marcados cai para 14 e os sofridos ficam em 9. Nas Eliminatórias, o número de pontos ganhos até a 11ª rodada é igual ao do mesmo período do torneio anterior.

Se os resultados foram apenas médios, por que a sensação de que a Seleção encantou? Primeiro, ao contrário do que vinha acontecendo em anos anteriores, o Brasil fez o dever de casa e goleou os adversários fracos. A fragilidade de Haiti, Hungria e companhia foi aproveitada pelos craques brasileiros, que deram show. A boa impressão deixada por esses jogos foi suficiente para compensar atuações apagadas contra Colômbia, Paraguai e Equador, por exemplo.

O outro motivo é o "fator Argentina". Nos dois

RENATO PIZZUTTO

Roberto Carlos arranca: o lateral brilhou mais fora do que dentro de campo

RENATO PIZZUTTO

Parreira: a única coisa que não vai tão bem são os resultados

Os resultados dentro de campo

EM 2004, O BRASIL FEZ 19 JOGOS, COM RESULTADOS IRREGULARES. CONFIRA A LISTA:

18/2 – 0x0 Irlanda (amistoso)
31/3 – 0x0 Paraguai (Eliminatórias)
28/4 – 4x1 Hungria (amistoso)
20/5 – 0x0 França (amistoso)
25/5 – 5x2 Catalunha (amistoso)
2/6 – 3x1 Argentina (Eliminatórias)
6/6 – 1x1 Chile (Eliminatórias)
8/7 – 1x0 Chile (Copa América)
11/7 – 4x1 Costa Rica (Copa América)
14/7 – 1x2 Paraguai (Copa América)
18/7 – 4x0 México (Copa América)
21/7 – 1x1 Uruguai (Copa América)
25/7 – 2x2 Argentina (Copa América)
18/8 – 6x0 Haiti (amistoso)
5/9 – 3x1 Bolívia (Eliminatórias)
8/9 – 1x1 Alemanha (amistoso)
9/10 – 5x2 Venezuela (Eliminatórias)
13/10 – 0x0 Colômbia (Eliminatórias)
17/11 – 0x1 Equador (Eliminatórias)

Total: 9 vitórias, 8 empates, 2 derrotas; 41 gols marcados, 16 gols sofridos
Amistosos: 3 vitórias, 3 empates, 0 derrotas; 16 gols marcados, 4 gols sofridos
Copa América: 3 vitórias, 2 empates, 1 derrota; 13 gols marcados, 6 gols sofridos
Eliminatórias: 3 vitórias, 3 empates, 1 derrota; 12 gols marcados, 6 gols sofridos

PABLO REY

Adriano comemora: o herói da conquista da Copa América, no Peru, virou intocável na Seleção, mesmo não sendo titular

PIER GIAVELLI

jogos contra o rival, que podem ser considerados os mais importantes de 2004, o Brasil foi bem. Em junho, pelas Eliminatórias, a Seleção manteve nossos vizinhos sob controle e ganhou merecidamente por 3 x 1, no Mineirão, com a melhor atuação de Ronaldo Fenômeno no ano com a camisa verde-amarela. Ele fez os três gols da equipe, todos eles de pênalti, o que soou ainda mais cruel para os vizinhos argentinos.

Na final da Copa América do Peru, em Lima, o jogo foi bem mais equilibrado e foi preciso um gol dramático de Adriano, nos descontos da partida, para levar a decisão para os pênaltis – o que só fez tornar a vitória do time B do Brasil (Parreira não convocou os principais jogadores) ainda mais saborosa. Desses dois jogos contra o maior rival sai a indicação mais animadora sobre a Seleção Brasileira: quando a partida é difícil, o time sobe o nível de seu futebol.

O mais importante é que os tropeços do ano não abalaram o moral dos jogadores. O Brasil fecha 2004 em alta e consolida sua posição como o time a ser batido no cenário internacional. Com a popularidade em alta e mais uma Copa América na bagagem, melhor só se todo jogo fosse um verdadeiro show.

> **“GANHAR SEMPRE É IMPORTANTE, MAS GANHAR DA ARGENTINA, SEM DÚVIDA, TEM UM SABOR TODO ESPECIAL”**
>
> ZAGALLO, SOBRE AS VITÓRIAS NO PERU E EM MINAS

POR QUE PERDEMOS A LIBERTADORES?

TODO MUNDO NO BRASIL OLHAVA A LIBERTADORES 20 COMO UM TROFÉU DESTINADO A SANT SÃO PAULO, CRUZE OU SÃO CAETANO. MAS HAVIA UM ON CALDAS NO MEIO DO CAMINHO

RENATO PIZZUTTO

“EU NEM VI O GOL DELES. NA HORA, ESTAVA OLHANDO PARA UM PAPEL, QUEBRANDO A CABEÇA PARA ESCOLHER QUEM IRIA BATER OS PÊNALTIS”

CUCA, ENTÃO TÉCNICO DO SÃO PAULO, SOBRE A DERROTA PARA O ONCE CALDAS NA SEMIFINAL

Quando o paranaense Héber Roberto Lopes apitou o final da vitória do Cruzeiro sobre o Paysandu, no Mineirão, em novembro de 2003, os cerca de 70 mil cruzeirenses que estavam no estádio explodiram em festa. Sobravam motivos. O clube tinha vencido tudo naquele ano, finalmente levantaria a taça de campeão brasileiro em poucos instantes, e, mais do que tudo, passava a olhar para a Libertadores de 2004 com um ar de superioridade. Quem, afinal, poderia bater o Cruzeiro de Alex e Vanderlei Luxemburgo?

Não era só a fanática torcida azul que sentia o Cruzeiro como o favorito para tirar a Libertadores do Boca Juniors. Numa enquete realizada por PLACAR, com 25 entrevistados, entre técnicos, jogadores e jornalistas, 18 apontavam o campeão brasileiro como o time favorito para se sagrar campeão também do torneio continental. Contudo, o Santos, que tinha acabado de perder o cetro para o Cruzeiro, não perdera a majestade. Diego e Robinho ainda comandavam o elenco da Vila tendo Emerson Leão como treinador. E ainda eram vice-campeões da mesma Libertadores, que tinham perdido justamente para os argentinos da Bombonera.

E para inchar mais as expectativas dos brasileiros, o São Paulo realizava a sua obsessão de voltar a jogar no torneio internacional que mais interessa à sua torcida. O técnico Cuca (destaque no Brasileiro-2003 pelo Goiás) havia sido contratado junto com uma penca de reforços. Isso sem falar que o São Paulo tinha o melhor centroavante em atividade no Brasil: Luís Fabiano. O país inteiro estava certo de que o campeão da América seria verde-amarelo.

O favoritismo do Cruzeiro foi turbinado quando o clube mineiro anunciou a contratação de ninguém menos que Rivaldo, meia da

RENATO PIZZUTTO

Tévez contra Dininho, no Anacleto Campanella: o Boca só superou o São Caetano nos pênaltis

Alex prepara a canhota cerebral: um pênalti perdido e a eliminação acabaram com a lua-de-mel dele com a torcida

Seleção, que tinha rescindido seu contrato com o Milan, meses antes. Com a chegada do meia, um clima frenético tomou conta dos torcedores do time. O que poderia segurar o campeão brasileiro, campeão da Copa do Brasil com Alex comandado por Luxemburgo... e mais Rivaldo?

O que ninguém sabia é que, do grupo animado que levantara a taça em novembro, pouca gente continuava com o sorriso no rosto. A contratação de Rivaldo não foi bem digerida por todos os jogadores. Rivaldo ganhava 300 mil reais mensais, enquanto os prêmios do Brasileiro ainda não tinham sido pagos. Luxemburgo aumentava sua zona de atrito com Zezé e Alvimar Perrella, os dirigentes do Cruzeiro; e para colocar lenha na fogueira, o time demonstrava uma involução técnica, com um futebol sem graça, quando comparado com o que tinha vencido tudo em 2003.

A vaca foi para o brejo de vez quando o elenco ficou sabendo que Luxemburgo — e só ele — já tinha recebido o prêmio pelo título brasileiro. O clima azedou de vez no vestiário, e Luxemburgo pediu demissão sob a alegação de que tinha "perdido a alegria de trabalhar" sentia incapaz de reverter a situação. Em fevereiro, o Cruzeiro aceitou a demiss Vanderlei, e deixou Paulo César Gusmão, liar técnico de Luxa, como interino.

Enquanto isso, Santos e Leão não viviam a lua-de-mel pós-título. Leão ficara furios a demissão do goleiro Doni, que teve sua c pedida pela torcida organizada Força J assim como a do atacante Robson — a sem o seu consentimento. Na eliminaç Peixe no Paulista — 4 x 0 para o São Caet o atrito ficou nítido. Para complicar, Leão va insatisfeito com Diego, que não tin recobrado da decepção da derrota do pré pico, e o substituía em quase todos os jo nove vezes em 14, para ser mais exato. Ce dois meses depois da demissão de Lux Cruzeiro, uma derrota do Santos em para a LDU, custou o cargo a Leão. Tr depois, o ex-técnico do Cruzeiro era anu na Vila como o novo comandante do Pei

Claro, o Leão rugiu, e acusou Luxem de ter se oferecido ao Santos enquanto ele

estava no cargo. "A minha conduta é completamente diferente. Eu jamais vou aceitar responder a perguntas que falem a respeito de eu dirigir outro clube", disse Leão. "O Leão disse uma inverdade. Nós tínhamos uma relação de amizade apenas no futebol; ela ficou estremecida e eu não faço questão que volte. Não sou hipócrita", afirmou Luxemburgo, meses depois.

A essa altura, O Cruzeiro de PC Gusmão, já sem Rivaldo (que tinha rescindido contrato em lealdade a Luxemburgo), era uma panela de pressão depois de uma derrota por 1 x 0 para o Deportivo Cáli, na Colômbia. Gusmão já sabia que se perdesse a classificação, ficaria também sem o cargo — embora o clube negasse. O Cruzeiro ganhou, mas não levou, porque errou os três primeiros pênaltis, e os colombianos jantaram a Raposa. Rapidamente, a torcida se esqueceu das brilhantes atuações de Alex no Brasileiro passado e, por conta de um pênalti mal cobrado, aplicou-lhe uma sonora vaia, o que encerrou esse caso de amor.

Infelizmente para o Peixe, a chegada de Luxemburgo não foi rápida o suficiente para tirar a nau da deriva. O Santos não deu muita bola para o desconhecido Once Caldas, de Manizales, e estava certo de que, mesmo tendo empatado na Vila, venceria na Colômbia. Luxa e o Peixe não sabiam, mas um tal de Valentierra seria o carrasco santista. E assim, outro favorito brasileiro dava adeus ao título pelas mãos colombianas.

E o São Paulo? Bem, o São Paulo não convencia, mas ia avançando. A cada jogo no Morumbi, sua torcida dava show. Cuca mexia no time constantemente, sobretudo no meio-campo, mas não conseguia fazer a bola ficar redonda. Quando o Santos perdeu para o Once Caldas, o tricolor comemorou a confirmação do caminho

"EU E O LEÃO TÍNHAMOS UMA RELAÇÃO DE AMIZADE APENAS NO FUTEBOL, MAS ELA FICOU ESTREMECIDA E EU NÃO FAÇO QUESTÃO QUE VOLTE"

LUXEMBURGO, QUE DEIXOU O CRUZEIRO E SUBSTITUIU LEÃO NO SANTOS

RENATO PIZZUTO

Diego, contra o Once Caldas, na Vila Belmiro: os colombianos derrubaram Santos e São Paulo

RENATO PIZZUTTO

Cuca "vestiu a camisa" para valer na Libertadores: contra a LDU, até jogou a bola contra o rosto do técnico adversário

mais "fácil" para o título. Cuca chegou a admitir que seria mais difícil jogar com o Santos, mas que um clássico com o Peixe seria "mais interessante para a imprensa, para a torcida e para o espetáculo".

A torcida tricolor se viu em Tóquio. Um dos patrocinadores do clube fez uma bandeira gigante com os dizeres "Rumo a Tóquio", e a estampou antes do jogo no gramado do Morumbi. Os colombianos encararam a bandeira como uma provocação, e seguraram um empate em 0 x 0. Assim como o Santos, o tricolor embarcou para Manizales sonhando com a final contra Boca Juniors ou River Plate. Mas o time já entrou em campo derrotado...

A começar pelo "vôo da alegria", com série de conselheiros e corneteiros aporrinh os jogadores. No hotel, o principal jogad time, Luís Fabiano, celular permanentem no ouvido, era cercado por propostas do ext

Cuca apostou em Marquinhos, amigo d nico, e o substituiu ainda no primeiro te Segundo ele, jogadores, como Cicinho, F Simplício e Vélber não cumpriram suas o A falta de comando ficou evidente no quando Gustavo Nery, que seria o primeiro dor de pênaltis do time, se recusou a fica campo, alegando uma contusão. Foi subst a cinco minutos do fim. O gol sofrido no ú minuto foi só a "cereja do bolo". Era o f aventura. O Brasil teria de descer do salto anotar a placa do caminhão do Once Caldas

Azulão e Coxa também não vingaram

A esperança de poder comer pelas beira o que motivou São Caetano e Coritiba a rem à Libertadores à margem da expec sobre São Paulo, e especialmente Cruz Santos. O Azulão contava com Tite, e o C apostava na experiência de Antônio Lopes, peão da Libertadores em 1998, com o Logo que chegou, Lopes se desentendeu c volante Roberto Brum, um dos principais l do time. O Coritiba, reforçado tardia pelos atacantes Luiz Mário e Aristizábal conseguiu passar da primeira fase. A fa planejamento ficou evidente.

No São Caetano, Tite concentrou tan forços na Libertadores que acabou traíd Paulistão. Mesmo com uma boa estréia su ricana com um 4 x 2 no The Strongest,

RENATO PIZZUTTO

Faixa estampada no Morumbi antes de São Paulo x Once Caldas: tiro saiu pela culatra

O folclórico goleiro Henao, do Once Caldas. Depois de despachar Santos e São Paulo, ele ainda foi o herói da conquista do título, ao defender dois pênaltis na decisão contra o Boca

demitido dez dias depois, após uma derrota para o Marília, no Anacleto Campanella. Com Muricy Ramalho em seu lugar, outra vitória sobre os bolivianos do The Strongest garantiu a passagem de fase. O time do ABC ainda passou pelo América do México, com altitude, pancadaria e tudo, e só se rendeu diante do Boca Juniors, e ainda assim, nos pênaltis.

La Locomotora de Manizales

A Libertadores da América começou sob a sombra dos brasileiros e do Boca Juniors, eterno candidato. Talvez, com sorte, o reforçado River Plate também pudesse chegar. Só. Qualquer outro resultado era impossível. Se alguém dissesse que o campeão americano seria um time colombiano, provocaria risinhos escondidos. Se dissesse que seria o Once Caldas, provocaria gargalhadas. O time, cujo nome é curioso para os brasileiros (proveniente da fusão de dois clubes, o Once Deportivo e o Deportes Caldas), entrou na Libertadores depois de conseguir seu segundo título colombiano. Ninguém deu muita bola, inclusive porque não tinha nenhuma estrela no elenco.

Mas para acabar com a empáfia dos tradicionais pretendentes à viagem anual à Tóquio, o Once Caldas fez uma campanha irrepreensível, perdendo somente uma das 14 partidas que disputou (para o Vélez Sarsfield, na Argentina, quando já estava com a classificação encaminhada). E para aumentar a surpresa, não, o "Once" não desfilou o futebol vistoso, quase irresponsável, característico da Colômbia. Luis Fernando Montoya, o treinador da equipe, montou um time disciplinado, taticamente muito ordenado, com uma defesa intransponível, e comandado por Arnulfo Valentierra, um meia de 30 anos.

Desconhecido ou não, Valentierra, tecnicamente um ótimo jogador, levou o Once Caldas adiante na competição, mesmo quando seu time era dado como "azarão". "Enfrentaremos um rival que já foi campeão da Libertadores e do Mundial interclubes, mas isso é o que mais nos motiva", afirmou Valentierra, logo depois do empate em 0 x 0 com o São Paulo, quando já tinha sepultado o Santos com um gol em cada partida. E não é que eles ainda desbancariam o Boca Juniors e ficariam com o título?!

O Santo André surpreende o Flamengo em pleno Maracanã e conquista a Copa do Brasil

ESTÁ CADA VEZ MAIS FREQÜENTE VER GIGANTES COMO O MENGÃO SUCUMBIREM DIANTE DE NANICOS DO PORTE DO SANTO ANDRÉ. O PESO DAS MÁS GESTÕES DERRUBA A TRADIÇÃO DIANTE DE PEQUENOS ORGANIZADOS E TURBINADOS

POR QUE É BOM SER PEQUENO?

Imagine a seguinte situação: uma empresa tem 50 milhões de consumidores preferenciais. Eles só compram o que essa marca produz. Uma segunda companhia tem uma quantia de consumidores tão pequena, que sequer é possível mensurar quantos eles são por meio de uma pesquisa. Diante dessa comparação, quem você diria que tem os melhores resultados? A primeira? Pense de novo.

Se estivéssemos tratando de uma questão teórica de marketing, certamente aquela que tem mais "mercado" seria a que se sai melhor. No entanto, estamos falando de futebol; e de futebol no Brasil, o que parece ser um fator que tira completamente a lógica do centro da questão. Golias não é mais o gigante, ou pelo menos, não parece mais ter toda aquela força.

No caso, as duas maiores "empresas" do futebol brasileiro, Flamengo e Corinthians, têm, somadas, quase 85 milhões de torcedores espalhados pelo país. Mesmo assim, nos últimos anos, agonizam nas tabelas, impingindo à massa uma seqüência de frustrações que faria com que qualquer consumidor trocasse de produto. Claro, se o produto não fosse monopolizado pela paixão do torcedor.

No Brasil da bola, os últimos anos assistiram a diversos episódios nos quais David bateu em Golias. A ascensão de equipes pequenas no cenário nacional, como São Caetano, Santo André (que venceu a Copa do Brasil em cima do Flamengo no Maracanã) e Brasiliense (que chegou à final da mesma Copa do Brasil e postula vaga na Série A) levantou algumas discussões surreais, como, por exemplo, se para o clube é melhor ser grande ou pequeno.

DARYAN DORNELLES

O Flamengo faz sua enorme torcida sofrer a cada partida: dívidas enfraquecem a equipe

RENATO PIZZUTTO

São Caetano festeja o título paulista de 2004: time equilibrado, apoiado pela prefeitura da cidade

Orgulho de ser pequeno

"Chegou a vez dos pequenos", afirma o senador cassado Luís Estevão, dono do Brasiliense. O fim da lei do passe e as baixas arrecadações secaram o duto de dinheiro que alimentava os grandes, na opinião do ex-político. Claro, Luís Estevão fala segundo um olhar de dirigente dos anos 50, onde direitos de transmissão de TV e a exploração da marca do clube ainda eram ficção científica.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O Brasiliense, do s
cassado Luís Estev
boa campanha na

O Arsenal, uma das vedetes futebolísticas dos últimos anos, é um exemplo gritante de como a teoria do dirigente do Brasiliense é, no mínimo, míope. O clube londrino não é um "celeiro de craques", e somente cerca de 20% da receita do clube vem de bilheterias. E os "Gunners" também não parecem dispostos a "diminuir" a torcida, como sugere o dirigente candango. Os euros que turbinam a equipe vêm das ações de marketing, incluindo licenciamento de produtos, em todo o mundo. O time de Londres trava com o Manchester United uma sangrenta luta para aumentar sua torcida, especialmente na Ásia. O objetivo é anabolizar suas receitas, que chegam a 600 milhões de reais por ano.

Contudo, não dá para negar que, diante do caos insolúvel de clubes como o Flamengo, a gestão de São Caetano e Brasiliense parece exemplar. Os dois clubes se orgulham de pagar salários em dia, oferecer condições de trabalho adequadas, não inflacionar o mercado com remunerações irreais e procurar jogadores sem fama pelo interior do país. "Não gastamos mais

"TENHO A CONVICÇÃO DE QUE EXISTE UMA MÁGICA QUE FAZ A DRENAGEM DE VERBAS PÚBLICAS PARA OS COFRES DO SÃO CAETANO

VEREADOR HORÁCIO RAINERI NETO

do que arrecadamos", diz, orgulhosamen
ro Ferreira de Souza, presidente do São
no, campeão paulista de 2004.

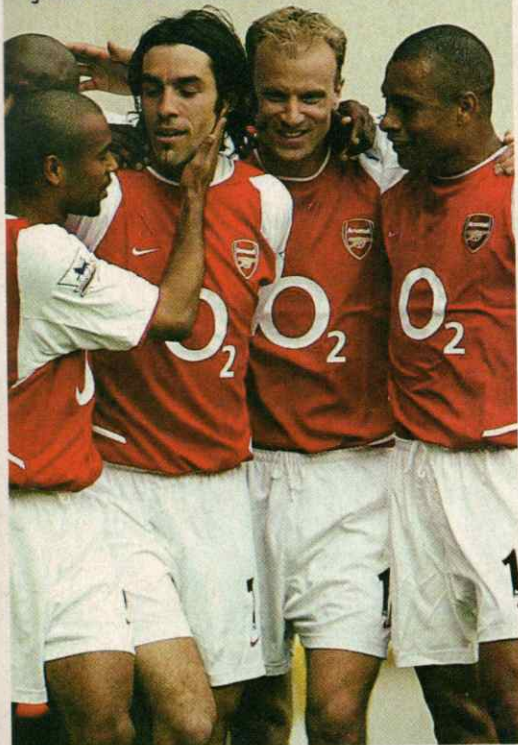
O que os dirigentes de todos os "peque
cientes não alardeiam é que, de modos
tes, têm algum tipo de "ajuda" externa.
do Azulão, a prefeitura fez um acordo "
da" com o clube, cedendo o estádio A
Campanella em comodato, além de
reformas, como aumento das arquiban
ampliação de vestiários e cabines de im
Com o Brasiliense, as verbas vêm do bols
senador, que, no entanto, jura que o
Brasília anda com as próprias pernas.

Os dois maiores exemplos de suc
"Geração David" do futebol brasileiro
não estão livres de críticas. "Tenho a co
de que existe uma mágica que faz a dren
verbas públicas para os cofres do São C
afirmou o vereador Horácio Raineri N
entrevista à PLACAR, em maio último.
tura nega, embora os donos do clube s
fato, o presidente e o vice, detentores de

Arsenal fatura 600 milhões de reais por ano: é bom ser grande e bem administrado

PABLO REY

O médio Chelsea montou um timaço graças aos dólares do milionário russo Abramovich

AFP

São Caetano Limitada, responsável pelo departamento de futebol.

No caso de Luís Estevão, as acusações são menos vagas. O senador teve seu mandato cassado por envolvimento no escândalo da construção do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo. Além disso, tem vários desafetos que alegam diferenças com Estevão, como o ex-volante Pintado, que rescindiu o contrato com o Brasiliense em 2002 por "falta de estrutura", e um hotel de Brasília, que afirma ter tomado um calote do clube.

Os gigantes de joelhos

Enquanto "David" se beneficia do mecenato ou de ajuda pública, Golias sofre com as conseqüências de gestões desastrosas. O Flamengo, maior exemplo da patologia que assola os grandes clubes, não vence nada de consistente desde 1992, quando ergueu o Brasileiro pela última vez. Tem uma dívida astronômica, que acredita-se, chegue aos 200 milhões de reais, perdeu o CT que tinha na Barra da Tijuca por falta de pagamento do aluguel, já teve a água cortada mais de uma vez por falta de pagamento e se acostumou com a palavra "crise", que praticamente faz parte do dia-a-dia rubro-negro. A colocação média do Mengão nos últimos quatro Bra-

Os São Caetanos do mundo. E do Brasil...

O "fenômeno" do São Caetano não é inédito, nem no Brasil, nem no mundo. No final da década de 80, a cidade de Bragança Paulista viu o seu time avançar rumo à elite, numa trajetória similar à do time do ABC. Comandado por Vanderlei Luxemburgo, o Bragantino foi campeão paulista e com Carlos Alberto Parreira, vice-campeão brasileiro. Nos bastidores, a família Chedid, do conhecido cartola Nabi Abi Chedid, procurava suporte eleitoral. Quando o interesse passou, o Bragantino foi deixado de lado. Hoje, está na segunda divisão do Paulistão e na Série C do Brasileiro.

No resto do mundo, não é raro alguns clubes ganharem terreno rapidamente, mas é muito raro que o fenômeno dure. Normalmente, o clube mais comparável ao São Caetano é o Chievo, da cidade italiana de Verona. As histórias são relativamente semelhantes, mas o sucesso do Chievo (que até há três anos nunca tinha jogado na primeira divisão) não tem dinheiro público. Pelo menos, não que se saiba...

Na Itália, "crescimentos" de clubes turbinados por fortunas familiares são até numerosos. O Perugia passou vários anos na primeira divisão, bancado pela família Gaucci (dona também do Catania). Enrico Preziosi, empresário italiano, era dono do Modena. Como o Modena caiu, o vendeu e tentou comprar o Napoli. Não conseguiu e acabou se contentando com o Genoa, o primeiro campeão italiano.

Muitos "mecenas" têm se aproximado de clubes de futebol nos últimos anos, como o russo Roman Abramovich, que comprou o Chelsea no ano passado. Mas boa parte deles está longe de querer promover o esporte. Os jornalistas ingleses Ian Bent, Kevin Mousley e Richard McIlroy, no livro "Football Confidential", lançado em 1999 pela BBC, mostram que um clube de futebol é um excelente modo de se lavar dinheiro de origem duvidosa. Bilheterias, transações de jogadores, todo o universo do futebol, pouco registrado e auditado contabilmente, é ideal para legitimar grana suspeita.

DARYAN DORNELLES

O Flamengo bateu cabeça dentro e fora de campo durante o Campeonato Brasileiro

sileiros (sem contar o de 2004) é um mela
co 16º lugar, e a máxima craque, o Flamen
em casa, está esquecida em alguma gaveta
da da Gávea.

Neste ano, o Flamengo teve na derr
Copa do Brasil um chocante confronto
sua atual situação. "O Flamengo não tem
de perder a final da Copa do Brasil, no M
nã, para o Santo André", escreveu o jor
Márcio Guedes, em sua coluna no jorn
Dia", antes do jogo final. Mas perdeu. P
traumatizando a multidão que lotou o M
nã, causando a demissão da enésima co
técnica, revolta da torcida, e até bofetões
sidente Márcio Braga depois do jogo.
mito rubro-negro Zico, a solução é a trans
ção do futebol do clube em empresa, s
que o Conselho veta terminantemente.

Em São Paulo, outro gigante patina en
no pantanoso. Com cerca de 30 milhões
cedores, o Corinthians também sofre co
ressaca de resultados. Com o fim da p
com o fundo norte-americano HMTF, o
São Jorge jogou a toalha e assumiu a f

EDISON VARA

O Corinthians quase foi rebaixado no Campeonato Paulista

RENATO PIZZUTTO

As chuteiras da humildade

Dos anos 80 para cá, o Brasil aprendeu a odiar o Grêmio. De fato, ninguém ganhou tanto e tão pouco tempo. Foram seis conquistas nacionais entre Brasileiros e Copas do Brasil. No plano internacional, duas Libertadores e um Mundial Interclubes. Não é pouco, ainda mais para um clube fora do eixo Rio-São Paulo. Como essas conquistas ainda uniram o sentimento gauchesco com o "gremismo", é até natural que o país inteiro quisesse ver o tricolor pelas costas. Os gremistas não costumam ser exatamente contidos em suas comemorações. O rebaixamento portanto foi bem comemorado por cada torcida que ajudou a afundar o time no Brasileirão 2004.

Mas por que o Grêmio realmente caiu? Os gremistas têm respostas na ponta da língua. Por incompetência da diretoria, por contratações erradas e pelos erros de arbitragem. Mesmo os mais fanáticos não ousam citar a palavra "azar". Ao contrário do Palmeiras, que teve uma temporada de exceção em 2002, caiu e logo voltou para a primeira divisão, o Grêmio vem fazendo um trabalho "consistente" nos últimos dois anos. Vai mal, quem sabe porque tenha confundido orgulho com soberba. Os sentimentos são até parecidos, mas a soberba costuma cobrar a sua conta. Quando o Grêmio recebeu uma bolada da empresa de marketing esportivo ISL em 2000, a austeridade foi para o saco. Como o milionário que dá 100 reais ao manobrista, o Grêmio pagou 4 milhões de dólares pelo limitado atacante argentino Amato e 2,5 milhões pelo volante em fim de carreira e também argentino Astrada. O dinheiro da ISL voou, mas o clube desaprendeu a controlar gastos. Não percebeu a hora de reduzir salários milionários e se adequar a nova realidade financeira. Duas diretorias fracas (José Alberto Guerreiro e Flávio Obino escreveram seus nomes na história por linhas tortas), técnicos e jogadores inadequados e o serviço estava feito. Para voltar a ser grande, o único jeito é esquecer um pouco as glórias do passado, calçar as chuteiras da humildade e lembrar que Segundona é outro papo.

fôlego para grandes contratações. Depois da saída de Carlos Alberto Parreira, em 2002, o Timão teve de se contentar com um magro Paulistão em 2003, e mais nada. Contratou doze reforços em 2004, apostando na duvidosa filosofia do bom e barato, e termina o ano fora da luta contra o rebaixamento graças a bons resultados conseguidos entre junho e o início de setembro (coincidência ou não, seguidos à contratação do técnico Tite): dez vitórias, seis empates e quatro derrotas. Do sacolão de reforços, já em agosto, oito já tinham deixado o Parque São Jorge.

O Corinthians tem uma situação financeira menos desconfortável do que o Flamengo graças à finada parceria com a HMTF. No período, o clube saldou suas dívidas com o INSS e várias outras de curto prazo. Tanto a parceria deixou saudades que o clube engatou uma longa negociação com um outro grupo empresarial, a MSI, cujas origens são nebulosas. O sonho é o de sempre: achar outro gênio da lâmpada.

O que pesa no orçamento do Timão é a despesa da sede social, em grande parte paga pelas receitas arrecadadas no departamento de futebol. O clube elege seu presidente em pleito junto aos conselheiros, fazendo com que nenhum nome possa ser eleito se desagradar os sócios. A torcida é muito bem-vinda. Mas só na hora de pagar ingresso.

POR QUE DEU ZEBRA NA EUROPA?

OS MAIS DO QUE AZARÕES PORTO (NA LIGA DOS CAMPEÕES) E GRÉCIA (NA EUROCOPA) FORAM OS GRANDES VENCEDORES DO ANO. EM 2004, TER DINHEIRO E CRAQUES NO VELHO CONTINENTE NÃO SIGNIFICOU TÍTULOS

PIER GIAVELLI

Os gregos posam como novos donos da Europa: na frente de França, Itália, Espanha e do anfitrião Portugal

GIULIANO BEVILACQUA

O Porto celebra a conquista da Liga dos Campeões: os favoritos Real Madrid, Milan e Juventus ficaram pelo caminho

Porto campeão europeu de clubes. Grécia campeã da Euro-2004. Por conta das zebras nas duas competições, seria fácil cair na tentação de simplesmente dizer que "não há mais bobos no futebol". Mas, se olharmos com atenção, podemos encontrar explicações melhores para essas surpresas.

Primeiro, é importante prestar atenção a um fator que os dois torneios têm em comum: a fórmula de "tiro-curto", com um mata-mata sucedendo uma fase de grupos. Todas as grandes zebras de 2004 aconteceram em torneios com esse formato. Paralelamente, nos campeonatos nacionais europeus, disputados por pontos corridos, os resultados ficaram dentro do esperado – a ponto de uma das grandes discussões da atualidade no continente seja como evitar que o fosso entre grandes e pequenos siga aumentando.

O que podemos concluir? Hoje, mais do que nunca, é fácil surpreender o favorito em um jogo, se o time estiver motivado, bem preparado fisicamente, contar com alguns bons valores e usar a tática certa – daí as zebras em torneios curtos. Por outro lado, os azarões têm cada vez mais dificuldades para manter a regularidade em torneios longos, nos quais os pontos ganhos em uma vitória contra um favorito inevitavelmente são perdidos em um tropeço contra outro pequeno. Mas vale dar uma conferida no que as sur-

prendentes Grécia e Porto fizeram para vencer os dois maiores títulos europeus de 2004.

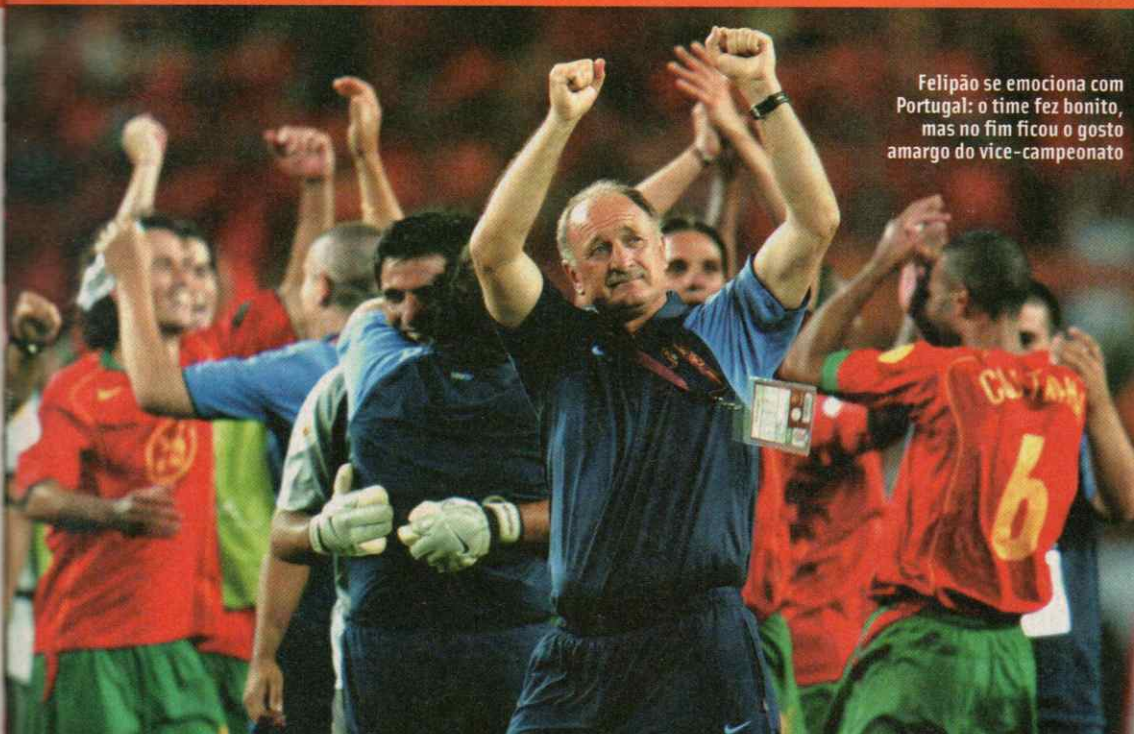
Grécia: um presente dos deuses?

O primeiro fator que explica a surpresa grega é a tática inteligente montada pelo técnico Otto Rehhagel. O alemão viu seus jogadores e decidiu jogar em cima do que tinha de melhor: a defesa. Sabendo que a Grécia seria atacada o tempo todo, fixou quatro homens atrás e ainda adicionou segurança com dois volantes recuados. Além disso, implantou uma ferrenha marcação homem-a-homem, que pegou de surpresa os adversários, mais acostumados a enfrentar marcações por zona. Em resumo, a estratégia era parecida com a de Muhammad Ali na famosa luta contra George Foreman em 1976: deixar o adversário se cansar com ataques inúteis para depois vencê-lo com um único golpe certeiro. Tanto foi assim que a Grécia conseguiu ser campeã marcando apenas sete gols em seis jogos.

Outro fator que beneficiou os gregos na Eurocopa foi o preparo físico. Dos 23 convocados para o torneio, 15 atuavam no campeonato gre com 16 times, tem apenas 30 rodadas (menos que na Itália e Alemanha e oito a que nos outros grandes centros). Mais im ainda, nenhum dos convocados era tit uma das equipes de ponta da Europa, ninguém teve que jogar mais de meia d vezes na Liga dos Campeões ou Copa Somando tudo, pode-se dizer que cad jogou 12 partidas a menos que os france exemplo, durante a temporada 2003/04.

Além desses, mais um fator é apon decadência das seleções tradicionais. M que isso é verdade? Para justificar a qu países mais tradicionais europeus, norm se aponta para o poderio financeiro de s nacionais, que "importam" muitos craque dindo que novos talentos do país se desen Países com campeonatos menores, como e Holanda, seriam beneficiados por não rem com tantos estrangeiros em seus cam tos. O argumento é lógico, mas esbarra fatos. Primeiro, a "decadência" dos grande

Torcedora grega em Portugal: desde a estréia, contra os donos da casa, os azuis mostraram que aprontariam

PIER GIAVELLI

Felipão se emociona com Portugal: o time fez bonito, mas no fim ficou o gosto amargo do vice-campeonato

PIER GIAVELLI

O TAMANHO DA ZEBRA

Antes do início da Eurocopa, a Grécia figurava entre os maiores azarões do torneio. Apostando R$ 1, veja quanto você ganharia nas casas de apostas em caso de título de cada país:

FRANÇA: R$ 3,50
ITÁLIA: R$ 4,50
PORTUGAL: R$ 6,50
ESPANHA: R$ 7,00
INGLATERRA: R$ 7,00
HOLANDA: R$ 8,00
REP. TCHECA: R$ 12,00
ALEMANHA: R$ 16,00
SUÉCIA: R$ 33,00
DINAMARCA: R$ 33,00
RÚSSIA: R$ 50,00
BULGÁRIA: R$ 66,00
GRÉCIA: R$ 66,00
CROÁCIA: R$ 69,00
SUÍÇA: R$ 100,00
LETÔNIA: R$ 300,00

*O valor apresentado aqui corresponde à mediana dos valores pagos por 17 grandes casas de apostas (Premier Bet, Tote Sport, Bet365, Victor Chandler, Paddy Power, Total Bet, Bluesq.com, UK Betting, Sporting Odds, Sportingbet, Bet Direct, Stanleybet, Ladbrokes, Coral, William Hill, Betfair e Betdaq)

tiva. A Inglaterra, por exemplo, conta com sua melhor geração em mais de uma década – geração essa que inclui muitos jovens, como Rooney, Terry e Gerrard. A Alemanha foi vice-campeã mundial em 2002, sendo que a Bundesliga já importa jogadores há mais de uma década. A seleção da Espanha, por sua vez, não tem resultados expressivos há 20 anos, então não dá para falar em "decadência".

Por outro lado, os países "emergentes" também contam com legiões de estrangeiros em seus campeonatos locais – a diferença é que eles vêm de países menos conhecidos, ou são jogadores de segunda linha. Por exemplo, a campeã Grécia tem mais de 130 estrangeiros em seu campeonato (mais de oito por time). Já Portugal tem ainda mais: 193 (quase 11 por equipe, na média). Números parecidos são vistos no campeonato holandês. Ou seja, isso mostra que a simples presença de gringos não atrapalha as seleções. "Decadência" dos grandes à parte, em última análise não é tão difícil entender o sucesso grego. Basta juntarmos o melhor preparo físico, a tática inteligente e a fórmula de disputa favorável com o fator-surpresa e a grande determinação dos jogadores helênicos. Claro, o título da Grécia continua sendo surpreendente, mas já se vê que não foi simples obra do acaso.

Não houve santo que matasse os Dragões

O caminho para explicar o título do Porto na Liga dos Campeões é um pouco diferente. Ao contrário da Grécia, os Dragões tinham um time com muitos jogadores bons e que vinha de um título na Copa UEFA. A grande surpresa, na verdade, se deu mais pela eliminação de pesos-pesados como Milan, Real Madrid e Arsenal. Vamos então ver o que causou a queda desses gigantes.

Comecemos pelo Real Madrid. O brasileiro Roberto Carlos, lateral dos Merengues, atribui a derrota de seu time ao cansaço: "Jogamos muito bem por oito meses. Mas, no final, quando a gente precisava manter o ritmo, o time cansou. Nada

PIER GIAVELLI

Roberto Carlos: ele e os outros galácticos do Real Madrid sucumbiram diante do azarão Monaco

GIULIANO BEVILACQUA

“JOGAMOS MUITO BEM POR OITO MESES. MAS, NO FINAL, O TIME CANSOU. NADA DAVA MAIS CERTO. AS JOGADAS NÃO ENCAIXAVAM

ROBERTO CARLOS, SOBRE A QUEDA DO SUPERTIME

mais dava certo, as jogadas não encaixavam”. Mas esse não foi o único problema. Na eliminação frente ao Monaco – assim como em várias outras partidas da temporada – ficou evidente que o Real Madrid não tinha uma defesa boa o bastante para ganhar o título da Liga dos Campeões. Jogando com dois laterais que avançam muito (Roberto Carlos e Michel Salgado), dois zagueiros fracos (Helguera e Raul Bravo) e apenas um volante (Guti ou Solari), o Real era um convite aos ataques adversários. Quando o Monaco botou pressão na retaguarda madrilenha, o Real Madrid novamente desmoronou.

No Arsenal, a derrocada tem traços freudianos. No campeonato inglês, os Gunners fizeram uma temporada perfeita, mas não conseguiram repetir o bom futebol na Liga dos Campeões. Seria apenas uma questão de diferença no esti jogo, ou o time londrino teria tendência a " relar" na competição? De uma forma ou de Henry e companhia fizeram valer sua sup dade até topar com o Chelsea nas quart final. Com um time talentoso e mais confia adversários se aproveitaram de alguns er Arsenal para acabar com o sonho dos Gunn

Por fim, temos o caso do Milan, que po considerado o principal favorito ao título. um time forte em todas as posições, que vencido o jogo de ida por 4 x 1, pode levar 4 um limitado La Coruña? Essa não tem ex ção lógica. O que se pode especular é que o anos entraram no Estádio Riazor considera já classificados e acabaram atropelados por Coruña em noite inspirada. Foi uma das de

PIER GIAVELLI

“FIQUEI MUITO SURPRESO COM A RECEPÇÃO QUE TIVEMOS EM MILÃO APÓS A DERROTA PARA O LA CORUÑA. A TORCIDA NOS INCENTIVOU

KAKÁ, DEPOIS DA GOLEADA PARA O DEPORTIVO

As outras zebras de 2004

NÃO FOI SÓ NA EUROCOPA QUE 2004 VIU GRANDES ZEBRAS. EMBORA NÃO TENHAM CHEGADO AO TÍTULO, OUTRAS SELEÇÕES PEQUENAS CONSEGUIRAM RESULTADOS EXPRESSIVOS NESTE ANO:

Bahrein O pequeno Estado do Oriente Médio, de apenas 550 mil habitantes, chegou até as semifinais da Copa da Ásia. O time também se destacou pelo futebol ofensivo – em seis jogos, marcou 13 gols e sofreu 14 (média geral de 4,5 gols por partida). Se continuarem jogando assim, os barenitas têm tudo para se classificar para o Mundial da Alemanha.

Ilhas Salomão No começo das Eliminatórias para a Copa de 2006 – que também valiam para a Copa das Nações do continente – as Ilhas Salomão eram consideradas apenas a quinta força da Oceania. Graças a uma derrota da Nova Zelândia para Vanuatu e a um empate contra a Austrália, os salomônicos superaram os neozelandeses e se classificaram para a final do torneio. Na decisão, em dois jogos, acabaram derrotados pelos australianos por 9 a 1.

Iraque A presença dos iraquianos na Olimpíada já era considerada uma surpresa, pois ninguém esperava que o país, ocupado pelos Estados Unidos, sobrevivesse às eliminatórias asiáticas. Mas o Iraque foi além em Atenas e deixou para trás Portugal, Costa Rica, Marrocos e Austrália, até sucumbir ao Paraguai na semifinal e à Itália na disputa do terceiro lugar. Foi uma pena: os corajosos iraquianos, mais do que qualquer soldado, mereciam uma medalha.

mais vexatórias do Milan nos últimos tempos.

Dito tudo isso, voltamos ao Porto. Muita gente se esquece de um fato: o time de José Mourinho era muito bom. Tinha um goleiro experiente (Vítor Baía), uma defesa excelente (Jorge Costa, Ricardo Carvalho, Nuno Valente e Paulo Ferreira), um meio-de-campo com jogadores com a criatividade brasileira (Deco e Carlos Alberto) e bons marcadores (Maniche e Costinha), além de atacantes competentes (Derlei e Benni McCarthy). Para completar, também teve a seu favor o fator físico. Por disputar o campeonato português, reconhecidamente mais fraco, o técnico José Mourinho pôde descansar seus titulares com mais freqüência do que os grandes times da Inglaterra, Espanha, Itália e Alemanha. Não dá para dizer que esse aspecto foi tão determinante quanto parece ter sido na Eurocopa, mas certamente também beneficiou os portugueses.

O fato é que, com os gigantes fora do caminho, os Dragões eram capazes de vencer qualquer outro time na Europa. É verdade que nas oitavas-de-final o time contou com um golpe de sorte – uma falha do goleiro Tim Howard no último minuto – para eliminar o Manchester United, mas depois as vitórias sobre Lyon, La Coruña e Monaco deixaram clara a superioridade do Porto. Longe de ser um golpe de sorte, o título da Liga dos Campeões foi um prêmio para uma equipe equilibrada e talentosa.

PIER GIAVELLI

O Furacão, campeão brasileiro de 2001, voltou a disputar o título: eficiência na fórmula que premia a regularidade

POR QUE O BRASILEIRO DE PONTOS CORRIDOS CRIOU UMA NOVA ELITE?

JÁDER ROCHA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

São Caetano, campeão paulista de 2004, ocupou com freqüência as primeiras posições nas últimas temporadas

COM OS CHAMADOS GRANDES CLUBES FREQÜENTANDO CADA VEZ MAIS A PARTE DE BAIXO DA TABELA, A TORCIDA COMEÇA A SE DAR CONTA DE QUE OS PONTOS CORRIDOS PODEM TRAZER ALGO ALÉM DA EXTINÇÃO DAS FINAIS. A GEOPOLÍTICA DO FUTEBOL NO PAÍS TAMBÉM COMEÇA A SE REDESENHAR

Nenhum país do mundo tem tantos times grandes como o Brasil. Compreenda-se por "grandes" os clubes que entram no campeonato pensando em título. Aqueles cujas torcidas não concebem a idéia de que lutar por uma quarta colocação é uma excelente meta. A afirmação é uma verdade absoluta para o torcedor brasileiro e para a esmagadora maioria da imprensa.

Porém, boa parte dos fanáticos pelos times do chamado *Clube dos 13* (sem nenhuma referência à entidade, e sim, ao grupo dos clubes de maior torcida no país) talvez esteja vivendo os últimos dias no paraíso. A introdução do Campeonato Brasileiro disputado em pontos corridos indica uma clara tendência de se fazer com que a "elite" verde-amarela encolha. Encolha tanto até ficar como no resto do mundo, onde, no máximo, dois ou três clubes disputam a ponta todos os anos, e os outros, só esporadicamente.

Num primeiro momento ninguém está dando muita bola para a possibilidade. É natural. O torcedor tende a pensar que seu time está entre os dois ou três que permanecerão com a supremacia. Contudo, se a redução deve cortar o grupo em cerca de 70%, pelo menos oito dos "grandes" vão começar a acompanhar seus times longe da dianteira. E, em alguns casos, a agonia será maior, por-

O Santos de Deivid e Léo perdeu craques, mas conseguiu manter uma base e reforçá-la com boas contratações

que a nova morada de alguns deles já está sendo a zona de rebaixamento.

Uma máxima freqüentemente ouvida no Brasil é a de que o Campeonato Brasileiro é o mais difícil do mundo. O argumento é que, no torneio, dez ou doze clubes têm chances de verdade de ser campeão. Essa sensação foi solidificada pela tradição brasileira de campeonatos com finais, e, mais recentemente, dos *playoffs*. Historicamente, os regulamentos aumentavam as chances dos times grandes de chegarem a essas fases. Assim, um clube que terminasse a primeira fase em sexto ou sétimo, e ainda assim vencesse o título, dava a sensação de solidez. Uma sensação distante da realidade.

Em 2003, o Brasil viu pela primeira vez um campeonato que foi elaborado para definir qual o time mais regular do Brasil. O título cruzeirense foi incontestável. Afinal, venceu o time que acumulou mais pontos, com todos os times jogando a mesma quantidade de vezes. Historicamente, no entanto, somente 15 dos 32 títulos brasileiros foram para o time que fez mais pontos do que qualquer outro. E em dez vezes o campeão ficou com a taça mesmo fazendo menos pontos que um outro time (*confira no quadro ao lado*). Em outras sete, o campeão fez mais pontos, mas jogou mais do que os outros times que poderiam tê-lo alcançado, o que acaba por prejudicar a comparação.

AS "INJUSTIÇAS DO BRASILEIRÃO

1974 – Vasco campeão com dois pontos a menos que o vice Cruzeiro.

1977 – São Paulo campeão com dez pontos a menos que o Atlético Mineiro.

1981 – Grêmio campeão com dois pontos a menos que o vice São Paulo.

1983 – Flamengo campeão com um ponto a menos que o vice Santos.

1985 – Coritiba campeão com menos pontos que o vice Bangu (que tinha mais jogos!).

1986 – São Paulo campeão com seis pontos a menos que o vice Guarani.

1987 – Copa União: Flamengo campeão com u ponto a menos e dois jogos a mais do que Atlé Mineiro, terceiro colocado.

1988 – Bahia campeão com um ponto a menos que o vice Internacional.

1992 – Flamengo campeão com dois pontos a menos que o vice Botafogo.

1995 – Botafogo campeão com um ponto a menos que o vice Santos.

As supremacias estaduais também favoreceram a consolidação do conceito de clubes grandes pelo país. Enquanto todos os países do mundo já tinham só ligas nacionais, apenas o Brasil disputava torneios regionais, dada a sua extensão continental, criando vários pólos de força. Nos outros países que têm um futebol forte, normalmente são dois ou três clubes os tidos como "grandes", ou seja, sempre favoritos. Todos os anos, outros times lutam com chances, mas vão normalmente se alternando.

Com uma rápida olhada nas tabelas dos quatro últimos brasileiros, já é possível perceber que potências tradicionais, como Flamengo, Botafogo e Corinthians, estão se distanciando, na média, das posições mais do alto, enquanto clubes emergentes no cenário nacional, como São Caetano e Atlético-PR, freqüentam com mais assiduidade a ponta da tabela. A posição média do Fogão nos últimos anos foi a 19ª colocação, enquanto a do Flamengo ficou na 16ª e a do Corinthians na 15ª.

E o que faz diferença nesta "Nova Ordem"? A tabela das colocações médias dos clubes é sintomática: os que gastam dentro de suas possibilidades, cuidam bem de suas divisões de base e mantêm técnicos são os que acabam tendo temporadas mais regulares. Nada que surpreenda, aliás. Entre os tradicionais, pelo menos três têm conseguido manter um aproveitamento médio digno de suas tradições: São Paulo (que, se não ganha, chega perto dos títulos), Cruzeiro (campeão de 2003 e de campanha irregular neste ano) e Santos (campeão de 2002). Todos seguem a cartilha que mescla a formação de jogadores e o investimento em algumas estrelas.

Outro fator que ajuda bastante é o esforço para manter o time o mais parecido possível entre um ano e outro. Nesse quesito, o São Caetano é o grande favorecido, porque, como não tem nenhuma "estrela", perde menos jogadores para o exterior. Só foi ameaçado nesta temporada pelo casuísmo da perda de pontos por conta da trá-gica morte do zagueiro Serginho. A manutenção de um técnico e de um grupo tira a diferença técnica que possa existir entre um elenco e outro. O fenômeno funciona como uma espécie de "*draft*" invertido. Enquanto o "*draft*" na NBA iguala o torneio fazendo com que os times mais fracos sejam os primeiros a escolher na fornada de jogadores do ano seguinte, no Brasil os times mais fortes perdem os seus melhores atletas, muitas vezes, sem receber nada por isso.

O Cruzeiro não fez boa campanha nesta temporada, mas figura entre os clubes mais bem organizados do país, que mescla novos talentos com jogadores experientes, como Guilherme

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Os "grandes" de outros países

ALEMANHA: Bayern de Munique, Dortmund e Schalke 04: 44 títulos dos 92 disputados.

ITALIA: Juventus, Internazionale e Milan: 47 títulos em 101 disputados.

INGLATERRA: Manchester United, Arsenal e Liverpool: 46 títulos em 105 disputados.

ESPANHA: Real Madrid e Barcelona: 45 títulos em 65 disputados.

ARGENTINA: Boca Juniors e River Plate: 52 títulos em 95 disputados.

BRASIL: Somente sete dos 32 títulos foram vencidos por clubes fora do grupo Palmeiras, Flamengo, Vasco, São Paulo, Inter-RS, Corinthians, Santos, Grêmio e Fluminense.

POR QUE PELÉ E MARADON
NÃO SOSSEGAM

PARA PELÉ E MARADONA, O MUNDO É DIFERENTE. OS DOIS MAIORES MITOS DO FUTEBOL MUNDIAL EM TODOS OS TEMPOS VIVERAM DIAS AGITADOS EM 2004 E FREQÜENTARAM AS MANCHETES DOS JORNAIS – NEM SEMPRE BEM NA FOTO

"FALTAM EXEMPLOS NO FUTEBOL DE HOJE, ÍDOLOS. SEM REFERÊNCIA, UM TIME NÃO FORMA SEU TORCEDOR"

Não é o passar do tempo lo bola que leva os dois n gênios do futebol mund anonimato. Sempre polê Pelé e Maradona tiveram cenas tas, em 2004, nos palcos onde consagrados. Em julho, o Rei de Maracanã aclamado por uma dão, num momento histórico porte brasileiro — foi o condu cial da tocha dos Jogos de quando pela primeira vez o si olímpico passou por uma cida americana. Antes, em abril, havia saído de La Bombonera rido. A causa: suspeita de ov pelo consumo de cocaína.

Maradona foi internado pela primeira 2004 no dia 21 de abril. Apesar de o an estar em seu início, o argentino teve temp ciente para acirrar a velha rivalidade com E o Rei deu munição suficiente para o rival. Um mês e meio antes, Pelé foi con para ajudar na escolha de 100 celebrida mundo da bola para o centenário da Fi

apenas uma lista com nomes dos maiores jogadores da história, na opinião do Atleta do Século. Pelé deixou de foras duas lendas do futebol nacional, Nilton Santos e Rivelino (aliás, na sua contagem inicial, o Brasil tinha 12 escolhidos, contra 13 italianos e 13 franceses). Teve que voltar atrás e inchar o grupo com outros 25 gênios da bola, entre eles Nilton Santos e Rivelino. "O Pelé só sabe fazer demagogia e, além disso, sou mais bonito que ele", alfinetou Diego Maradona, que se recusou a participar da festa e, assim, evitar o risco de ser obrigado a posar para uma fotografia ao lado do desafeto.

Pelé tentou por diversas vezes justificar a escolha dos nomes e a exclusão de Nilton Santos e Rivelino. "Eu queria ter escolhido mil jogadores, mas só podia indicar cem. Somente no Brasil existem mais de cem craques", afirmou o Rei, cuja lista inicial dos craques brasileiros constava com: Cafu, Carlos Alberto Torres, Djalma Santos, Falcão, Júnior, Rivaldo, Roberto Carlos, Romário, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Sócrates e Zico. Faltaram mais celebridades na relação de Pelé que, apesar dos protestos, não conseguiram convites para a festa, como Jairzinho, Zagallo e Gérson – este chegou a rasgar a lista em um programa de televisão, inconformado. Sobraram nomes obscuros na lista, caso do coreano Hong Myung Bo. Era preciso fazer uma "média" com os países afiliados da Fifa, e Pelé emprestou seu nome à manobra.

Se alguém acredita em superstição, algum dos excluídos por Pelé deve ter rogado praga, pois o Rei voltou às pressas de Zurique, onde ocorreu a festa da Fifa, e foi internado no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, com descolamento de retina no olho esquerdo. A cirurgia, conduzida pelos médicos Marcelo Cunha e Walter Tahahashi, levou cerca de duas horas e o ex-jogador precisou de anestesia geral.

"O PELÉ SÓ SABE FAZER DEMAGOGIA E, ALÉM DISSO, SOU MUITO MAIS BONITO DO QUE ELE"

Novos negócios

O problema no olho esquerdo levou Pelé a negociar até a possibilidade de confeccionar óculos que levassem sua grife. Era a abertura de novos horizontes financeiros para o Rei, disposto a pôr fim na polêmica carreira de empresário de futebol. No início de maio, ele havia anunciado o fim de sua agência de marketing esportivo, a Pele Pró, com uma dívida calculada em aproximadamente 1,5 milhão de reais. O ex-jogador alegou precisar de mais tempo para ficar com a família e a decisão foi consolidada com a cirurgia no olho, pelo fato de necessitar de tempo para se recuperar e, assim, reduzir o número de suas aparições em público.

O Rei deixou conturbadas sociedades. Com o fim da Pelé Pró, por exemplo, distanciou o rela-

COB

Pelé, na passagem da tocha olímpica pelo Rio de Janeiro: ovacionado pelo povo nas ruas, o Rei chorou

cionamento com o médico e parceiro Renato Duprat. O ex-jogador anunciou ter planos de conduzir sozinho os negócios milionários de publicidade gerados pelo seu nome, que ainda rende fortunas. Em novembro último, a camisa 10 usada por ele na final da Copa de 1958 foi leiloada, em Londres, por cerca de 105 mil dólares, dinheiro pago por um colecionador não-identificado. O valor, contudo, é menor do que o arrecado com a camisa usada na final da Copa de 1970 — em um leilão realizado em 2002, a amarelinha foi arrematada por 283 mil dólares.

As críticas de sempre

Pelé pode ter mudado o foco de seus negócios, mas continuou com sinais claros de não estar disposto a abandonar polêmicas, inclusive políticas. Por exemplo, criticou o Estatuto do Torcedor, citando que a lei aprovada no início da gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva "é uma utopia" e deixou dúvidas de que a l ção será cumprida, ao citar que são gran chances de "ela não pegar".

Ao mesmo tempo em que anunciou o Pelé Pró e, por conseqüência, da possibilid gerenciar a carreira de novos craques, Pel cou também os jogadores que entregam se tratos a empresários profissionais. Chan atletas de burros e desunidos, ao aceitarem no pagamento de salários. Aconselhou gr campo como instrumento de moralização futebol no final de semana isto aqui vira u e a aí a situação pode melhorar", disse.

Em 2004, Pelé marcou um golaço. A chute para as redes foi de Aníbal Massain Pelé fez só a assistência, o passe certo que o cineasta na cara do gol, com o lançame documentário Pelé Eterno.

Por exemplo, os garotos de hoje que n conhecimento da importância do milési aquele de 1969 marcado de pênalti sobr co, no Maracanã, não sabiam, até a che fita aos cinemas ou do DVD nas videoloc da euforia mundial por aque

A camisa usada na final da Copa da Suécia, em 1958, foi leiloada

mento. Da multidão arrastada aos estádios, pela torcida de quando e onde seria registrado mais este feito do Rei.

Pelé Eterno é um daqueles clássicos que valem o preço do ingresso. Ao todo, são mais de 300 gols, muitos golaços. Narra histórias que os torcedores de hoje pouco sabiam, como o fato de Pelé ter interrompido seu início de carreira para servir o Exército, do constrangimento de ter um pedido de autógrafo enquanto montava guarda de sentinela — aliás, garantiu um título para o Brasil em um torneio para militares. O filme faz o torcedor-espectador sofrer diante das imagens do jogador caçado em campo pelos portugueses na Copa do Mundo de 1966 — como Pelé apanhou naquele jogo...

Memória resgatada

O documentário brindou quem é fanático por gols com obras-primas jamais vistas pela maioria, como a arrancada diante do Fluminense, no Maracanã, que deu origem ao "Gol de Placa" ou ainda os famosos chapéus da Rua Javari, quando Pelé encobriu dois marcadores e o goleiro do Juventus antes de finalizar de cabeça, sem deixar a bola cair. Os dois lances foram reconstituídos com a ajuda de computadores e, para quem não viu ao vivo (quase todo mundo), ficou a certeza de que o Rei estava certo ao defini-los como os mais bonitos de sua carreira.

Nada neste filme é igualável ao gesto de Pelé provocando o goleiro do Boca Juniors na final da Taça Libertadores de 1963, em plena La Bombonera. O mesmo campo de onde, em abril deste ano, Maradona foi levado para uma clínica sob risco de vida.

O craque argentino ficou internado em Buenos Aires por quase cinco meses. Em uma de suas crises, provocada pela falta de cocaína, foi amarrado. Precisou de autorização judicial para voltar a Cuba, onde já se tratava há anos contra a dependência química. Uma imagem triste originada nas tribunas do mesmo estádio onde marcou gols geniais — que podem ser apreciados no DVD lançado por Placar. E onde, 21 anos antes, a própria torcida argentina havia se rendido à genialidade de seu maior desafeto. Para Pelé e Maradona, 2004 foi um ano de contrastes.

OS DVDS DO ANO
Pelé resgatou seu passado glorioso no filme/DVD "Pelé eterno", com direito a gols reconstituídos. Os melhores momentos de Maradona estão no DVD lançado pela Placar

MARADONA ETERNO

J.B. SCALCO

1982
JUNHO
Termina sua participação na Copa da Espanha recebendo o cartão vermelho na derrota para o Brasil
DEZEMBRO
Recém chegado a Barcelona, sofre de hepatite e fica fora dos gramados por três meses

1983
SETEMBRO
Numa entrada criminosa de Andoni Goicochea, do Athletic de Bilbao, Diego fratura o tornozelo esquerdo. O astro leva 106 dias para retornar ao futebol

1984
MAIO
Decisão da Copa do Rei entre Barcelona e Athletic de Bilbao. Ao final da partida, vencida pelos atleticanos, Maradona protagoniza uma pancadaria generalizada entre os jogadores

1986
JUNHO
Peita João Havelange, presidente da Fifa, porque a entidade programou as partidas da Copa para o meio-dia, auge do calor mexicano, beneficiando as transmissões de TV para a Europa
SETEMBRO
Cristina Sinagra, sua ex-empregada doméstica em Nápoles, denuncia que Maradona é o pai de Diego Armando Jr. Algum tempo depois, a Justiça confirma a paternidade

1990
JUNHO
Joga a Copa da Itália com os dois tornozelos machucados e totalmente inflamados.
Na disputa de pênaltis contra a Iugoslávia (quartas-de-final), o goleiro Ivkovic defende a cobrança de Diego

1991
17 DE MARÇO
Seu exame antidoping a partida entre Napoli e dá positivo para cocaína suspenso por 15 meses
26 DE ABRIL
Deprimido, volta a Bue Aires e é preso pela polí no bairro de Caballito, acusado de estar sob efeito de drogas

1992
JULHO
A briga com o presidente do Napoli, Corrado Ferlaino, impede que Diego obtenha liberação para deixar o clube. Protagoniza uma batalha judicial que tem participação da Fifa. "Se não houver solução, fechamos a Fifa", disse Joseph Blatter, à época secretário geral da entidade. Após 86 dias de negociação, acerta transferência para o Sevilla

1993
1993
Os diretores do Sevilla contratam detetives para ficar na cola de Diego. Suspeitam de suas saídas noturnas. Maradona descobre e decide abandonar o clube

1994
JANEIRO
Uma sucessão de lesões musculares determina o final de seu contrato com o Newell's Old Boys, da Argentina, onde jogou apenas quatro partidas oficiais. A depressão o afunda ainda mais nas drogas
FEVEREIRO
Irritado com o assédio da imprensa, Diego atira com uma espingarda de ar comprimido em jornalistas que faziam plantão em frente à sua casa em Buenos Aires
25 DE JUNHO
Na Copa dos EUA, após a vitória por 2 x 1 diante da Nigéria, é pego novamente no exame antidoping. A Federação Argentina de Futebol o retira da lista oficial para que o país possa seguir no torneio. A Fifa o puniu com outros 15 meses de suspensão
OUTUBRO
Contratado como diretor-técnico pelo clube Mandiyú de Corrientes, comanda o time em algumas partidas. Em poucas semanas, abandona o cargo

1995
MARÇO
Se desvincula de seu cargo de treinador do Racing. Motivo: Juan Destéfano, o presidente que o havia contratado, perdeu as eleições

1999
AGOSTO
A Justiça argentina determina que Diego é o pai de uma menina de três anos, chamada Jana, cuja mãe é Valeria Sabalain, de 18 anos. Em sete oportunidades, Maradona havia se negado a realizar o exame de DNA

FEVEREIRO DE 1998 no Sambódrom Diego curte as atrações do carnaval carioca

JOÃO SANTOS

2000

JANEIRO
Em Punta del Este, no Uruguai, toma um coquetel de remédios e é internado. "Estive quase morto", diz depois. A partir deste momento, começa seu tratamento contra as drogas em Cuba. No país de Fidel Castro, agride fotógrafos cubanos em uma rua de Havana. Quebra o vidro de um carro com um soco. Os fotógrafos o processam na Justiça

JUNHO
Dispara contra o papa João Paulo II: "Enquanto as crianças morrem de fome, o filho da p... tem o teto de ouro no Vaticano"

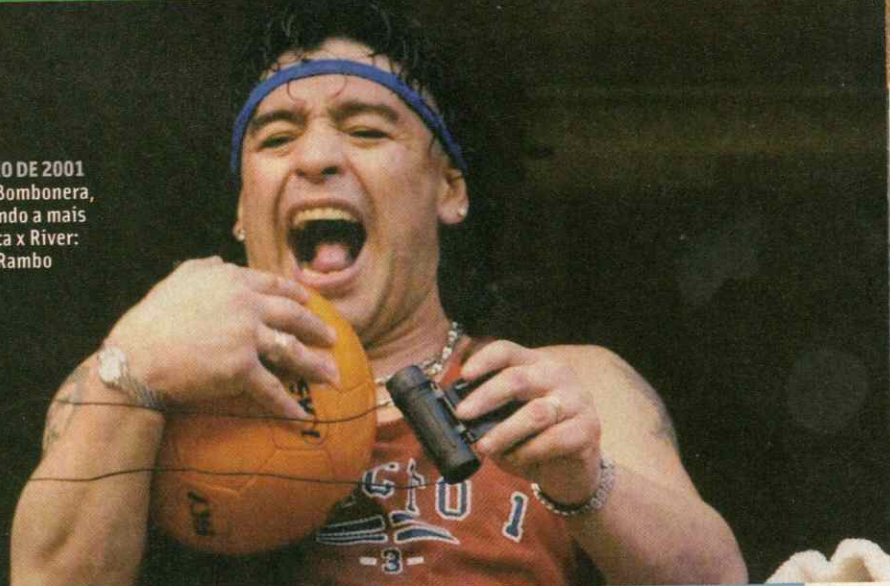
A esposa Claudia cogita largar Diego por suas freqüentes saídas noturnas

SETEMBRO
Sofre acidente com sua caminhonete em rotatória de Havana. Choca-se com um ônibus. O veículo é destruído, mas Diego escapa ileso por milagre

OUTUBRO
Almagro o quer como técnico, mas termina contratando Diego como *manager*. Porém, jamais assume o cargo

NOVEMBRO
O Japão lhe nega visto de entrada no país para assistir à final do Mundial Interclubes entre Boca Juniors e Real Madrid. Motivo: sua adesão às drogas

DEZEMBRO
A Fifa o designa como "o melhor do século", e Diego recebe o prêmio que se refere à votação pela internet. Maradona se retira da festa antes que Pelé receba o prêmio de melhor do século eleito pela Fifa

JANEIRO DE 2001
Em La Bombonera, assistindo a mais um Boca x River: estilo Rambo

2001

JANEIRO
O fisco italiano o investiga por evasão de receitas. Dizem que deve 24 milhões de dólares em impostos. Ao chegar ao aeroporto de Roma, é abordado por agentes locais

JUNHO
Tenta agredir o apresentador de TV Nicolás Repetto que, em seu programa "Sabado Bus", elogiou as "formas insinuantes" de sua esposa Claudia. Morto de ciúmes, Diego vai até o canal de televisão e só é contido pelos guardas

NOVEMBRO
Quebra o microfone de um jornalista no aeroporto de Ezeiza, em Buenos Aires, minutos antes de viajar para a Itália

2002

JANEIRO
Aluga uma casa no bairro Parque (um dos mais nobres e caros de Buenos Aires). Provoca um incêndio na sauna que só é apagado com a presença dos bombeiros.

Os vizinhos se queixam do barulho contínuo que vem da casa de Diego

SETEMBRO
As especulações sobre o divórcio de Maradona se confirmam

OUTUBRO
É condenado a dois anos e meio de prisão pela agressão aos jornalistas em 1994, mas não precisa cumprir a pena na cadeia

OUTUBRO DE 2001
Na comemoração de seus 39 anos, com a mulher e as filhas, Maradona dá seu peculiar aceno aos fotógrafos antes de apagar as velhinhas

2003

ABRIL
A imprensa argentina publica fotos de seu romance com Judith, uma cubana de 20 anos

MAIO
Pela primeira vez, Diego se encontra com seu filho Diego Jr. O encontro acontece em Fiuggi, nas cercanias de Roma

SETEMBRO
O ex-presidente do Napoli, Corrado Ferlaino, diz que, à época em que Diego jogava pelo clube italiano, salvou várias vezes o argentino de ser pego no exame antidoping. Segundo Ferlaino, os exames eram burlados por meio da troca da urina de Diego pela de jogadores que estavam "limpos"

NOVEMBRO
Maradona aceita convite para ir à China, mas os empresários não pagam seu cachê e ele se instala em um hotel em Pequim até que, finalmente, lhe pagam o combinado

2004

ABRIL
Acusa Guillermo Cópolla, seu empresário, de roubar-lhe 5 milhões de dólares.

Outra jovem cubana diz estar grávida de Diego.

Após assistir à partida entre Boca Juniors e Nueva Chicago, é internado na Clínica Suíço-argentina, em Buenos Aires. Problemas cardíacos e uma infecção pulmonar são os motivos. Permanece em coma e respira por aparelhos. Reage no oitavo dia e, no décimo, abandona a clínica sem ter alta dos médicos. Se hospeda na mansão de um amigo, onde joga golfe, brinca com bola e recebe visitas

5 DE MAIO
É internado novamente na UTI da Clínica Suíço-argentina

9 DE MAIO
É internado na Clínica del Parque, nos arredores de Buenos Aires, após ser recusado em várias outras instituições na Argentina e no exterior. Seu médico particular, Alfredo Cahe, declara que "é a última chance de Diego salvar sua vida". Tem crises de abstinência e precisa ser sedado

SETEMBRO
Volta a Cuba para retomar o tratamento anti-drogas

POR QUE VIRAMOS MENINAS NAS OLIMPÍADAS

ENQUANTO OS BADALADOS JOVENS CRAQUES DEIXARAM O SONHO DO OURO EM VIÑA DEL MAR POR CONTA DO SALTO ALTO NO PRÉ-OLÍMPICO, A SELEÇÃO FEMININA DRIBLOU A FALTA DE ESTRUTURA E SALVOU A PÁTRIA EM ATENAS.

A Olimpíada deixou sérias marcas no futebol brasileiro em 2004. Tanto é assim que este poderia muito bem entrar para a história como o ano do salto alto. De um lado, as estrelas juvenis de Ricardo Gomes acharam que iriam a Atenas sem precisar suar muito a camisa e deram-se mal. Chegaram ao Pré-Olímpico no Chile com a bola toda e voltaram para o Brasil com a cara murcha e sem a vaga nos Jogos. Do outro, a equipe feminina, de quem pouco se esperava, enfrentou a falta de estrutura da modalidade no Brasil e, depois de muito trabalho, voltou para casa com a inédita medalha de prata. E por pouco, muito pouco mesmo, não trouxe o ouro.

Só mesmo a imagem do salto alto para explicar tamanho fiasco dos rapazes e tão grande surpresa por parte das garotas. Enquanto eles se julgavam maiorais e olhavam para os adversários com desdém até a bola rolar, elas tiveram a humildade de reconhecer a superioridade das rivais. Sob a batuta do experiente técnico Renê Simões, criaram coragem para enfrentá-las de igual para igual, deram vôos mais altos do que imaginavam e vestiram o salto para comemorar em grande estilo.

Tudo parecia muito fácil

Graças à recente conquista do pentacampeonato mundial e à fornada de jovens craques que foram despejados no mercado desde então, as perspectivas não poderiam ser melhores para a Seleção masculina. Antes mesmo de entrar em campo pelo Pré-Olímpico, já era possível ver o inédito ouro olímpico no peito de nossos jogadores.

Foi assim que pensou a CBF, foi assim que pensaram atletas, comissão técnica, torcida, crítica... Principalmente depois da boa campanha do time na Copa Ouro, disputada no México, em 2003. "Pelo que vi, com certeza vamos para Atenas", disse à época o técnico Ricardo Gomes.

Lideradas pela camisa 10 Marta, que concorre ao prêmio da Fifa de melhor jogadora do mundo em 2004, a Seleção Brasileira feminina trouxe uma surpreendente medalha de prata dos Jogos de Atenas

ASSUMO TODA A RESPONSABILIDADE. QUANDO VIM PARA O PRÉ-OLÍMPICO, SABIA EXATAMENTE O QUE IA ENCONTRAR

RICARDO GOMES, TÉCNICO DA SELEÇÃO PRÉ-OLÍMPICA

RICARDO CORREA

Brasil jogava pelo empate, mas perdeu para o Paraguai

NILTON SANTOS

O fiasco no Chile

PRIMEIRA FASE
Brasil 4 x 0 Venezuela
Brasil 3 x 0 Paraguai
Brasil 1 x 1 Uruguai
Chile 1 x 1 Brasil

REPESCAGEM
Brasil 3 x 0 Colômbia

FASE FINAL
Brasil 0 x 1 Argentina
Chile 1 x 3 Brasil
Brasil 0 x 1 Paraguai

Quando chegou janeiro, a confiança de que o time se classificaria era tamanha que a entidade sequer fez muito esforço para trazer Kaká, Julio Baptista e Adriano, não liberados por seus times na Itália. O treinador sabia a falta que os dois iriam fazer, mas acatou a decisão e foi para o Chile com o que tinha à disposição. Poucos deram importância à ausência dos craques "europeus". O clima, aliás, era de que Gomes podia até mesmo levar um time B que a vaga viria com tranqüilidade. Com craques badalados como Diego, Robinho, Paulo Almeida, Nilmar, Maxwell e Fábio Rochemback, então...

Nos bastidores, com tanta molecada brilhando junto, o clima não poderia ser outro que não de descontração. Foi só a bola começar a rolar, porém, para a festa acabar e todos perceberem que o caminho não seria tão fácil como se imaginava. Os primeiros resultados foram tranqüilos: 5 x 0 na Venezuela e 3 x 0 no Paraguai. Quem complicou a situação foram Uruguai e Chile. Ambos arrancaram empates por 1 x 1 e obrigaram a Seleção a disputar a primeira repescagem de sua história, contra a Colômbia. Com 3 x 0, o time entrou no quadrangular.

A essa altura, o clima alegre na concentração já havia mudado completamente. Ficou tenso. Piorou depois da derrota para a Argentina, por 1 x 0. Com esse resultado, a equipe não poderia bobear contra os donos da casa, sob o risco de ver a classificação ir embora. Mesmo antes do jogo, porém, jogadores e comissão técnica começavam a prever a eliminação. "Assumo toda a responsabilidade. Quando vim para o Pré-Olímpico, sabia exatamente o que ia encontrar", dizia Ricardo Gomes. Entre Rob nho e Diego, os astros do time, o discurso era mesmo: "É nessa hora que o grande jogad aparece. Precisamos chamar a responsabilidad e ajudar o time a vencer, rumo à Olimpíada" disseram os dois em uníssono.

As mensagens das declarações combinad surtiram o efeito necessário para o Brasil venc o Chile por 3 x 1. Esse resultado dava a possib lidade de jogarmos pelo empate contra os pa guaios (derrotados por 2 x 1 pela Argentina) n última rodada e garantirmos a vaga pelo sal de gols. Ao final do jogo contra os chilenos, volante Paulo Almeida olhou para a câmera fez, com a mão, um gesto simbolizando u "aviãozinho". E balbuciou: "Atenas". De fato, missão era relativamente simples. Principa mente depois dos 3 x 0 na primeira fase. Mas paraguaios jogaram bem e sustentaram o emp te em 0 x 0 até os 33 minutos do segundo temp quando De Vaca marcou o único gol do jogo acabou com o sonho brasileiro. O aviãozinh antes de ir a Atenas, faria uma escala no Bras para deixar a Seleção.

Fracassada a missão dentro de campo, com çou a caça aos responsáveis pelo fiasco. Natur mente, Ricardo Gomes e seus jogadores foram alvos favoritos. O principal argumento foi jus

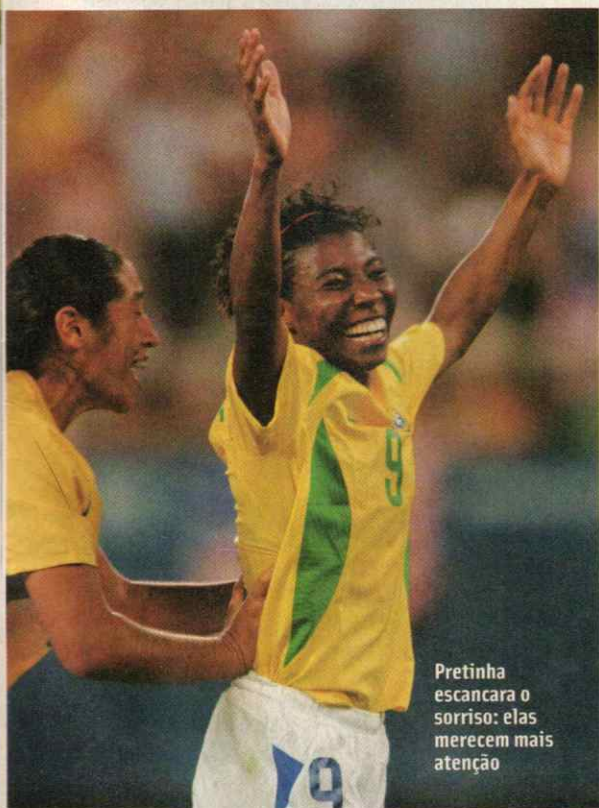
Branco e o técnico Ricardo Gomes: classificação parecia tranqüila

NILTON SANTOS

mente o "salto alto e o oba-oba" com que os atletas se apresentaram e o clima descontraído na concentração, como disse Zagallo. Robinho e Diego, os principais astros do time, foram os mais crucificados. Tanto pelo fraco desempenho na competição quanto por serem o centro da descontração nos bastidores.

Mesmo já demitido, Gomes assumiu a culpa e saiu em defesa de seus comandados. "Eles não foram os únicos que jogaram mal. Na verdade, os jogadores não chegaram em boas condições físicas. Isso pesou", disse. Nisso, ele tem razão. Os jogadores começaram os trabalhos na Granja Comary nos últimos dias de 2003 – sem um dia de férias sequer – tiveram folga no Ano Novo e se reapresentaram em 2 de janeiro. Entraram em campo contra a Venezuela cinco dias depois e, desde então, a série de partidas se intercalava praticamente dia sim, dia não. Isso sem contar que a maioria da equipe estava envolvida na disputa do Brasileirão, que terminou apenas alguns dias antes da apresentação em Teresópolis.

O melhor ainda estava por vir

Se o time masculino dormiu no ponto, o feminino fez o oposto. Houve planejamento, preparação e o resultado foi uma ótima surpresa. E mesmo com um início de trabalho nada animador.

Pretinha escancara o sorriso: elas merecem mais atenção

RICARDO CORREA

Mesmo com vexame, brasileiros arrumam as malas para o exterior

Se à primeira vista, o fiasco no Pré-Olímpico deveria marcar as carreiras dos jogadores negativamente, o que se vê na prática é exatamente o contrário. Quase um ano depois, dos 18 que atuavam Brasil, 13 foram para o exterior. Até o momento, só Juninho (Vitória), Edu Dracena e Wendel (Cruzeiro), Elano e Robinho (Santos) continuam no País. Os dois últimos, porém, devem seguir seus ex-companheiros a qualquer momento, provavelmente rumo à Espanha.

JOGADOR	POSIÇÃO	CLUBE EM JANEIRO	CLUBE ATUAL
Gomes	Goleiro	Cruzeiro	PSV-HOL
Juninho	Goleiro	Vitória	Vitória
Adaílton	Zagueiro	Vitória	Rennes-FRA
Alex	Zagueiro	Santos	PSV-HOL
Edu Dracena	Zagueiro	Cruzeiro	Cruzeiro
Rodolfo	Zagueiro	Fluminense	Dinamo Kiev-UCR
Maicon	Lateral	Cruzeiro	Monaco-FRA
Maxwell	Lateral	Ajax-HOL	Ajax-HOL
Dudu Cearense	Volante	Vitória	Rennes-FRA
Fábio Rochemback	Volante	Sporting-POR	Sporting-POR
Paulo Almeida	Volante	Santos	Benfica-POR
Diego	Meia	Santos	Porto-POR
Elano	Meia	Santos	Santos
Paulinho	Meia	Atlético-MG	Dorados-MEX
Wendel	Meia	Cruzeiro	Cruzeiro
Dagoberto	Atacante	Atlético-PR	Atlético-PR
Daniel Carvalho	Atacante	Internacional	CSKA Moscou-RUS
Marcel	Atacante	Coritiba	Suwon-COR
Nilmar	Atacante	Internacional	Lyon-FRA
Robinho	Atacante	Santos	Santos

Quando assumiu a Seleção, em março, o técnico Renê Simões tinha pela frente a difícil missão de transformar um catado de jogadoras sem confiança em uma equipe vencedora. Muitas delas estavam desempregadas e o retrospecto contra as favoritas americanas, suecas e alemãs era desanimador. O máximo que já haviam feito até então tinha sido decidir o bronze nas últimas duas Olimpíadas.

Sem muita experiência com equipes femininas, Renê começou o trabalho com cuidado e, discretamente, tirou do time Milene Domingues, a rainha das embaixadas e ex-mulher de Ronaldo. Convocada por pressão da CBF, ela foi um fiasco e sequer entrou em campo com a camisa amarela no Mundial da categoria, em 2003.

Depois de alguns meses, o técnico já achava estar em condições de bater qualquer adversário. Ledo engano. Um amistoso contra os Estados Unidos mostrou a diferença de nível, e as brasileiras tomaram um baile: 5 x 1. No vestiário, Renê prometeu às meninas: "Vamos ao pódio."

A atacante Cristiane fez uma ótima Olimpíada, mostrando técnica e grande força física

A partir daquele momento, o técnico reformulou toda sua metodologia. Desde a dieta até o comportamento das atletas. Reduziu o grupo e passou a trabalhar apenas com 24 meninas, concentradas em tempo integral na Granja Comary. Até mesmo uma excursão preparatória à China, Renê preferiu cancelar. Seu objetivo era moldar uma "super-jogadora". A idéia era mesclar elementos de americanas, alemãs e suecas, com o diferencial do futebol brasileiro. O técnico usou sua grande arma: a psicologia. Deu a cada menina uma bola de tênis, da qual nenhuma delas poderia se separar um único instante, pois simbolizava o sonho olímpico. No plano tático, procurou fazer com que descobrissem prazer na marcação e no desarme. "Acho que cheguei muito perto disso", disse o técnico na véspera da decisão.

Rumo ao Olimpo

O caminho até a final olímpica não foi tão tranqüilo quanto pôde parecer. Depois da suada vitória por 1 x 0 na estréia contra a Austrália, eis que entram as americanas no caminho brasileiro. Nossas meninas suaram, perderam inúmeras oportunidades de gol no primeiro tempo, mas

Brasileiras lamentam a derrota na final: a prata ficou de ótimo tamanho, mas, vencedoras, elas queriam mesmo o ouro

FOTOS: RICARDO CORREA

Renê Simões é alçado aos céus pelas suas comandadas: psicologia e conhecimento da "alma feminina" ajudaram na campanha pela medalha de prata – ele tem três filhas

O show em Atenas

PRIMEIRA FASE
Brasil 1 x 0 Austrália
Brasil 0 x 2 EUA
Grécia 0 x 7 Brasil

QUARTAS-DE-FINAL
Brasil 5 x 0 México

SEMIFINAL
Brasil 1 x 0 Suécia

FINAL
Brasil 1 x 2 EUA

não conseguiram impedir que a *superstar* Mia Hamm e suas colegas vencessem por 2 x 0. Para a felicidade geral, as adversárias seguintes eram as anfitriãs gregas e, dada à sua fragilidade, a vitória era garantida. Os 7 x 0 dizem tudo.

A tarefa na quarta-de-final também foi fácil: 5 x 0 nas mexicanas e a vaga na semifinal contra as temidas suecas estava na mão. Como era de se prever, o jogo foi duro, mas a aplicação das comandadas de Renê foi perfeita e Pretinha garantiu a inédita medalha para o futebol feminino. O sonho do ouro olímpico estava renascido. Para variar, lá estávamos nós diante dos Estados Unidos. Mas quem pensava que nossas boleiras iam entrar em campo contentes com a prata deve ter ficado surpreso. Elas jogaram demais e, mesmo com tudo a favor das americanas, estiveram muito perto de serem campeãs. Perdiam por 1 x 0, empataram e levaram para a prorrogação. Depois de muito pressionar, uma falha de marcação num escanteio resultou na derrota.

Fosse o time masculino, seria motivo de revolta e comoção nacional. No caso das meninas, não. Elas saíram do nada, sequer têm um campeonato para disputar e chegaram muito além do que se imaginava. Nesse caso, nada mais justo do que comemorar num pomposo salto alto.

Duro foi ver o ouro no peito dos argentinos

Pior do que não ir à Olimpíada foi ter de assistir pela televisão a Argentina dar show em Atenas. A situação de nossos *hermanos* era bastante diferente da brasileira. Apesar da decepção de não ter se classificado para os Jogos, o fato de termos conquistado o penta em 2002 atenuava previamente o peso da perda da vaga. Como o técnico argentino era Marcelo Bielsa, o mesmo que na Ásia afundou sua seleção, era bom alguém mostrar serviço.

O trabalho foi levado a sério e, além da tranqüila classificação pré-olímpica, o treinador aproveitou a Copa América para entrosar os jogadores. Ter chegado à final mostrou que o caminho estava certo e, mesmo com a dolorida derrota para o time B do Brasil na decisão, o saldo foi positivo.

A campanha na Grécia foi simplesmente irretocável, a equipe foi amplamente superior aos adversários e Bielsa calou todos os seus críticos. Tanto que a Argentina levou a medalha de ouro invicta e sem sofrer um gol sequer. E a final foi justamente contra os carrascos dos brasileiros, os paraguaios, numa final sul-americana, vencida por 1 x 0, com gol do craque Carlitos Tevez.

DARYAN DORNELLES

Aos 38 anos, Romário teve o contrato rescindido pelo Fluminense e, mesmo assim, não encerrou a carreira: despedida deve ser no Vasco, apó o Campeonato Carioca

POR QUE ROMÁRIO NÃO ZELA PELO SEU PASSADO?

ENQUANTO ARRASTA-SE RUMO AO FINAL DE UMA GLORIOSA CARREIRA, O BAIXINHO MANCHA A PRÓPRIA IMAGEM DE GÊNIO DO FUTEBOL MUNDIAL

Quem abrir em 2035 ou 2040 um almanaque com os maiores nomes do futebol mundial em todos os tempos verá, sem dúvida alguma, a biografia de Romário. A questão é se ele entraria com um ou dois verbetes. Não, não existem dois Romários, mas é perfeitamente possível visualizar dois jogadores diferentes ao longo dos 19 anos de sua carreira. Um que jogou de 1985 a 1994 e outro pós-Copa dos Estados Unidos até os dias de hoje.

Basta perguntar a um garoto de dez anos, que só conhece a carreira do Baixinho pós-94 para comprovar. A imagem que ele provavelmente terá do atacante é a de um craque que não justifica os porquês de tudo o que fala e promete. Marca gols, é verdade, mas não corre em campo, pouco ajuda os companheiros e só pensa em si.

O primeiro e talvez único momento memorável que essa criança talvez se recorde do camisa 11 é a conquista das copas Mercosul e João Havelange pelo Vasco em 2000. Depois disso, entre colocar o Fluminense no *playoff* do Brasileiro de 2002 e salvá-lo do rebaixamento, Romário ganhou mais as manchetes por confusões dentro e fora de campo do que por seus gols. Quem não se lembra, por exemplo, dos sopapos que ele deu no zagueiro Andrei, companheiro de time, no jogo contra o São Paulo no Brasileirão de 2002? E dos que ele desferiu num torcedor do Flu no treino da equipe nas Laranjeiras em 2003? São imagens pelas quais ele dificilmente gostaria de ficar marcado.

Isso sem falar que nesse período seu futebol era irreconhecível. É bem verdade que, depois dos 30, Romário mudou bastante seu estilo. A cabeça pensava mais rápido do que as pernas agiam e raramente ele chegava às bolas a tempo. Em vez das arrancadas fulminantes em direção à área, passou a ficar mais fixo nela. Nos últimos anos, porém, nem se movimentando apenas o necessário para finalizar e com um esquema tático todo centrado nele a situação lhe continuou favorável.

Torcida vascaína enxota Romário em sua última passagem pelo clube que o revelou: demitido do Flu, o Baixinho deve voltar a São Januário para encerrar a carreira em 2005

EDUARDO MONTEIRO

Ainda assim, não faltava quem desse tapinhas em suas costas e continuasse lhe incentivando a dar seqüência à carreira. A campanha pró-Romário para a Copa de 2002 e contra Luiz Felipe Scolari é a maior prova disso. Àquela época, mesmo longe de exibir condições (físicas, principalmente) de concorrer com Ronaldo e Ronaldinho por uma vaga na Seleção Brasileira, tinha o apoio unânime de crítica e torcida — e até do presidente Fernando Henrique Cardoso. Mesmo assim, a imagem que ficou é a de que apenas Felipão não o queria no time. E, como todos sabemos, ele mostrou estar certo: o Brasil não precisou do Baixinho.

Um fora-de-série

Se a mesma pergunta feita ao tal garotinho de 10 anos do início for direcionada a alguém que viu Romário no auge, com a camisa do PSV, do Barcelona ou da Seleção Brasileira, sua imagem será a de um semi-deus. Essa é a opinião, por exemplo, de Tostão. O camisa 9 da Seleção na Copa de 1970 já declarou que não hesitaria em dar seu lugar naquele time ao Baixinho. Em sua coluna na *Folha de S.Paulo*, o ex-jogador escreveu em dezembro de 2002 que o camisa 11 e o Fenômeno são os melhores centroavantes que viu jogar: "Romário foi mais genial, e Ronaldo reúne um número maior de qualidades técnicas e atléticas", afirmou.

Quem também não poupa elogios é Roberto Baggio. O craque italiano vive dizendo que o brasileiro é o maior atacante de sua época. Até mesmo o turrão Johan Cruyff ele conseguiu conquistar. Impressionado por seu espetacular desempenho com a camisa do PSV na Liga Holandesa, o capitão da Laranja Mecânica, então técnico do Barcelona, resolveu levá-lo para seu time. Romário deixou Eindhoven com três títulos holandeses, três vezes artilheiro e considerado o maior jogador que já vestiu a camisa do clube. Quando chegou à Catalunha, ele se juntou a um elenco estelar, num momento que é lembrado até hoje como o maior já vivido pelo Barça.

Naquela época, o Baixinho esbanjava vitalidade e corria como ninguém. Mesmo com seus costumeiros hábitos noturnos. Sua jogada mais letal era a arrancada com a bola dominada

Romário fala:

QUANDO AINDA ESTAVA NA HOLANDA
"O PSV depende de mim. Todos sabem que a equipe não tem condições de jogar sem Romário."

QUANDO AINDA JOGAVA NO BARCELONA
"Um jogador tem poucos amigos, porque no futebol não existe amizade verdadeira."

DURANTE A COPA DE 94
"Daqui a dois anos quero parar de jogar futebol."

REVISTA TRIP, 1999
"Fiz mais gols e ganhei mais do que ele. No futebol moderno dos últimos 15 anos, Maradona só perde para mim."

NA VEJA, 2004
"Nunca fui atleta. Se eu tivesse levado uma vida regrada como atleta, eu teria feito muito mais gols, mas não sei se seria feliz como sou hoje."

SETEMBRO DE 2004
"Depois da geração de Pelé, me considero o melhor jogador que o Brasil já teve."

SETEMBRO DE 2004
"Do jeito que o futebol anda, ainda posso jogar mais um pouco."

Romário com a taça na Copa de 1994: devemos o tetra a ele, isso não tem discussão

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Dentro da pequena área, ele era incomparável. "Ele tinha uma qualidade fantástica no seu futebol. Mesmo sem trabalhar duro, podia criar jogadas geniais", diz Cruyff, que o apelidou de "Gênio da Pequena Área".

Romário fez chover desde seus primeiros meses com a camisa azul-grená e praticamente obrigou Parreira, que fazia vista grossa ao craque, a convocá-lo para o jogo contra o Uruguai, no Maracanã, em 1993. Inspiradíssimo, ele salvou o Brasil do vexame de ficar fora da Copa do Mundo dos Estados Unidos. Saiu de campo prometendo trazer o tetra para o Brasil.

O que se assistiu desde aquele momento, no intervalo de um ano, foi o futebol mais brilhante que o camisa 11 já jogou. Terminou sua primeira temporada espanhola como artilheiro (30 gols em 33 jogos), com o título da Liga e como astro maior da Seleção Brasileira. Foi aos Estados Unidos e cumpriu sua promessa, encerrando um jejum do Brasil de 24 anos sem títulos mundiais. Chegou ao País consagrado, voltou à Espanha com status de rei e terminou 1994 como o maior jogador de futebol do planeta.

Com Ronaldo, na Seleção: farpas recentes sobre quem foi melhor depois de Pelé

No Flamengo, por onde esteve duas vezes: pedindo paz no mundo e vendo ruir o "ataque dos sonhos"

EDUARDO MONTEIRO

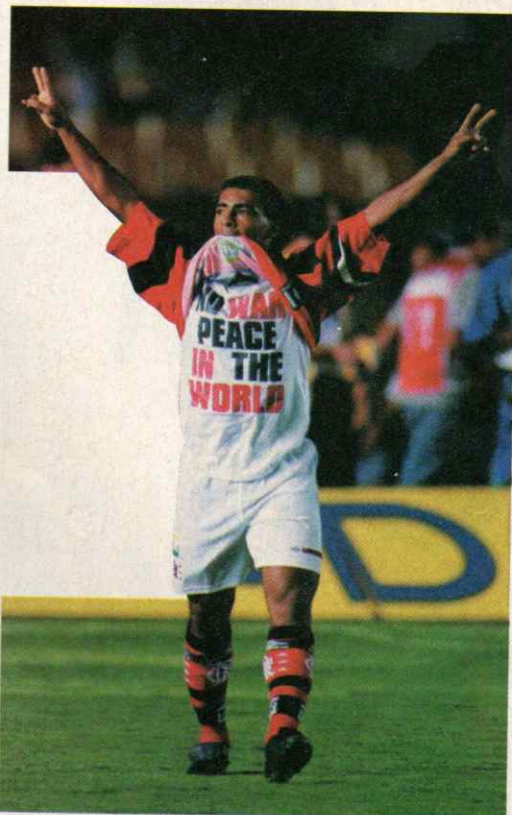
Outros falam:

JOHAN CRUYFF
"Ele não é tão bom quanto eu era. Eu fazia os outros jogarem melhor; ele só sabe marcar gols."

"Ele tinha uma qualidade fantástica no seu futebol. Mesmo sem trabalhar duro, podia criar jogadas geniais"

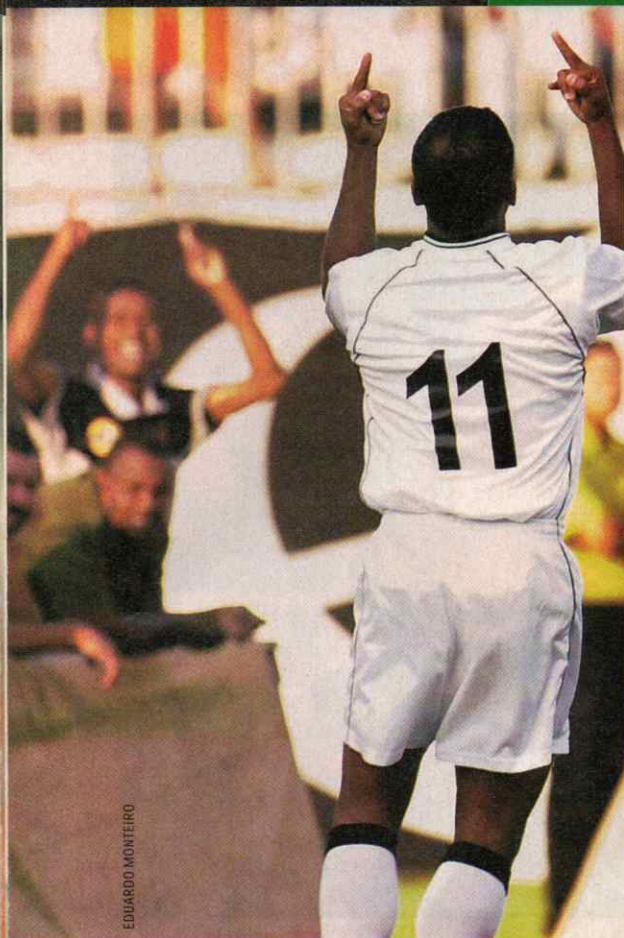
TOSTÃO (12/2002), EM COLUNA NA FOLHA DE S.PAULO
"Ronaldo e Romário são os dois melhores centroavantes do mundo que vi atuar. Romário foi mais genial e Ronaldo reúne um número maior de qualidades técnicas e atléticas."

LUKA PERUZOVIC, TÉCNICO DELE NO AL-SADD, EM ENTREVISTA À REVISTA BELGA FOOT MAGAZINE
"É um craque, de talento indiscutível, mas só de vê-lo no treino já dá para sentir que não tem mais condição de ser profissional."

RONALDO
"É muita pretensão alguém dizer que é o melhor."

Não tivesse optado em trocar a Europa pelo Flamengo quando estava no auge, Romário teria continuado ao lado dos melhores e teria se mantido no topo. Não teria visto o ataque dos sonhos com Sávio e Edmundo naufragar, evitaria a contusão às vésperas da Copa de 1998 e quem sabe iria à Olimpíada de Sydney. Como não existe 'se' no futebol...

Em novembro, Romário promoveu uma auto-

Chorando em entrevista coletiva antes da Copa de 1998: cortado por contusão

FOTOS: PISCO DEL GAISO

EDUARDO MONTEIRO

No Vasco, "brinda" a torcida com um gesto obsceno: título brasileiro em 2000, já com a carequinha à mostra

despedida da Seleção Brasileira com duas partidas amistosas nos Estados Unidos ao lado dos companheiros da Copa de 1994. Mas pendurar definitivamente as chuteiras ainda é um assunto nebuloso. Enquanto houver algum clube grande carioca disposto a contratá-lo por muito dinheiro, alguns poucos jogos e gols, Romário parece não se importar em ofuscar a própria imagem. Mesmo com algumas manchas em seu currículo quem não tem alguma? —, os mais de 800 g marcados, os títulos conquistados e o futebol encher os olhos é que ficarão gravados em no memória. Mesmo na do garotinho de 10 an que poderá ver o que não viu ao vivo em DVD

A arte de saber a hora de parar

Pendurar as chuteiras deveria ser considera uma arte. Raros são os casos de jogadores q

FUTURA PRESS

Romário estapeia Andrei sob o olhar incrédulo de Júlio Baptista, em jogo do Brasileirão-2002: Chuteira de Ouro da Placar aos 36 anos

Cronologia de um Baixinho genial

1984 - Estréia com vitória com a camisa do Vasco (6 x 0) contra o Nova Venécia

1985 - Primeiro jogo no time profissional do Vasco, ao lado de Roberto Dinamite
- Cortado da Seleção Sub-20 às vésperas do Pré-Olímpico por urinar da sacada do hotel

1986 - Artilheiro do Campeonato Carioca, com 20 gols

1987 - Campeão carioca e artilheiro, com 16 gols

1988 - Campeão carioca
- Negociado com o PSV Eindhoven
- Medalha de prata na Olimpíada de Seul e artilheiro, com 7 gols
- Campeão da Copa da Holanda

1989 - Campeão da Copa América
- Artilheiro do Campeonato Holandês, com 19 gols

1990 - Campeão holandês e artilheiro, com 23 gols
- Vai à Copa da Itália, mas, contundido, joga apenas uma partida.

1991 - Bicampeão holandês e artilheiro, com 25 gols

1993 - Vendido ao Barcelona por 12 milhões de dólares
- Com dois gols contra o Uruguai, classifica o Brasil à Copa de 94

1994 - Campeão espanhol e artilheiro, com 30 gols
- Campeão mundial e vice-artilheiro da Copa, com 5 gols
- Eleito o melhor jogador do mundo pela Fifa

1995 - Volta ao Brasil para formar o 'melhor ataque do mundo' com Edmundo e Sávio no centenário do Flameng

1996 - Artilheiro do Campeonato Carioca, com 26 gols
- Negociado com o Valenci

1997 - Retorna ao Flamengo para preparar-s para a Copa de 98
- Artilheiro do Campeonat Carioca, com 18 gols
- Campeão da Copa América

conseguem fazê-lo na hora certa, antes de fazer papelão. Pelé é um deles.

Aos 34 anos, com condições de jogar a Copa de 1974, o Rei deu adeus ao futebol brasileiro e foi para os Estados Unidos, onde não precisaria estar no auge de sua forma física para continuar atuando. Caminho semelhante seguiu Zico, que em 1990 largou o Flamengo e seguiu para o Japão, onde ensinou o país a apreciar o futebol.

Por outro lado, a lista de jogadores que, como Romário, arrastam-se rumo à aposentadoria é incomparavelmente maior. Dos casos atuais, pode-se citar o de Bebeto. Depois da Copa de 1998, o companheiro de ataque do Baixinho no Mundial de 1994 entrou em plena decadência. Mesmo muito longe de seu auge, o baiano conseguiu arrastar sua carreira até 2002. Nesse meio tempo, arriscou-se no futebol mexicano e no árabe, onde, apesar de ganhar alguns milhares de dólares, deu vexame e teve seus contratos rescindidos antes do final.

O caso mais emblemático, porém, é o de Garrincha. Entregue ao álcool e sem absolutamente nenhuma condição física, ele seguiu jogando até os 39 anos com o nome que fez nas Copas de 1958 e 1962 e com a camisa do Botafogo. Quando diz se considerar o melhor jogador brasileiro desde Pelé, Romário dá mostras de que quer ser lembrado por sua genialidade. Se fosse bem assessorado e tivesse largado o futebol há, no mínimo, quatro anos, era assim que ele seria eternizado. Do jeito que sua carreira se arrasta, seu fim está cada vez mais parecido com o de Mané. A diferença é que o Baixinho dificilmente acabará na miséria. O dinheiro que ganhou no futebol é milhões de vezes maior do que o que amealhou o gênio das pernas tortas.

Na despedida internacional, com os colegas do tetra: dois gols, camisa oficial da Seleção e festa à altura

AFP

1998 - Artilheiro do Campeonato Carioca, com 10 gols
- Cortado da Seleção Brasileira às vésperas da Copa por conta de um estiramento na coxa
- Na inauguração de seu bar, o 'Café do Gol', ele estampa caricaturas de Zico e Zagallo nas portas dos banheiros

1999 - Campeão carioca e artilheiro, com 16 gols
- Artilheiro da Copa Mercosul, com 8 gols

2000 - Transferência para o Vasco
- Artilheiro do Campeonato Carioca, com 19 gols
- Campeão da Copa Mercosul e artilheiro, com 11 gols
- Campeão da Copa João Havelange
- Eleito o melhor jogador das Américas
- Chuteira de Ouro da Placar

2001 - Pede a Felipão para dispensá-lo da Copa América da Colômbia para submeter-se a uma cirurgia nos olhos, mas em seguida segue com o Vasco para amistosos no México
- Artilheiro do Campeonato Brasileiro, com 21 gols

2002 - Transferência para o Fluminense
- Faz lobby para ser chamado para a Copa do Mundo, mas Felipão segura a pressão popular e não o convoca
- Dá um murro em Andrei, companheiro de time, em jogo contra o São Paulo
- Coloca o Flu nos *playoffs* do Brasileirão, mas contunde-se na semifinal contra o Corinthians no Morumbi
- Chuteira de Ouro da Placar

2003 - Briga com um torcedor durante um treinamento do Fluminense
- Salva o Flu do rebaixamento

2004 - Transferência para o Al-Sadd, do Qatar, onde sequer entrou em campo.
- Retorno ao Fluminense
- Detido em delegacia do Rio de Janeiro por não pagar pensão alimentícia a dois de seus filhos
- Despede-se do futebol internacional com dois gols em amistoso da Seleção Brasileira de 1994 contra o México, em Los Angeles

POR QUE O NORDESTE DÁ SHOW?

TORCIDA FANÁTICA, ESTÁDIOS CHEIOS, ALEGRIA EM VEZ DE BRIGAS. PARA A FESTA FICAR COMPLETA, SÓ FALTA A VOLTA DOS TIMES DA REGIÃO À SÉRIE A

Fortaleza x Brasiliense: depois de provar o gosto da primeira divisão, o Tricolor de Aço teve de recomeçar do zero na Segundona

FUTURA PRESS

Discutir qual a maior torcida do País é gastar saliva à toa. Ainda que existam aqueles que acreditam que a do Corinthians já superou a do Flamengo, o Ranking Placar das Torcidas não deixa dúvidas: a rubro-negra ainda é uma nação à parte. Se existisse uma lógica nisso tudo, parece fácil imaginar que esses dois clubes seriam os que mais levam gente aos estádios. Porém, essa não é a realidade. Contrariando qualquer regra e fugindo dos padrões vividos nos maiores centros futebolísticos do planeta, quem mais enche as arquibancadas do Brasil são as equipes que disputam a Série B. Mais especificamente, as da região Nordeste. E novamente os números comprovam.

Só na primeira fase da Segundona, o Bahia levou à Fonte Nova, em média, nada menos do que 26 563 torcedores (segundo dados de pagantes fornecidos pela Confederação Brasileira de Futebol). Nas fases seguintes, a quantidade subiu ainda mais para 31 975 espectadores.

Para se ter uma idéia, as médias de público de Flamengo e Corinthians, que juntos detêm quase um quarto de todos os torcedores do País, representam 60% desse número. Até a 42ª rodada do Brasileirão, enquanto o Corinthians levava, em média, 14 435 pessoas a seus jogos, o rubro-negro só atraía 7 058 por partida (somados, totalizavam 21 593).

Apesar de ser o clube que mais leva torcida ao estádio, não é privilégio do Bahia bater os times da Série A nas arquibancadas. Ceará, Santa Cruz, Fortaleza, Sport e Brasiliense, por exemplo, perdem apenas para Corinthians, Palmeiras, Atlético-PR, Santos, Paysandu e Figueirense. "Eu, que já joguei no Corinthians e no Santos, não esperava isso. Confesso que a fidelidade da torcida aqui me surpreendeu", diz o meia Robert, um dos destaques do tricolor baiano em 2004.

Observando apenas os dez maiores públicos das duas divisões (ver tabela), a superioridade do tricolor baiano é gritante. Enquanto na Série A apenas dois jogos receberam mais de 30 mil pessoas — ambos no Morumbi, envolvendo os três maiores clubes de São Paulo —, a Fonte Nova reuniu mais torcedores em metade das partidas do Bahia na Série B. Em três delas (duas contra o Náutico, uma com o Avaí), o público foi quase o dobro disso.

Queda de qualidade

Causa estranheza saber que clubes da segunda divisão levam mais gente aos estádios do que os da primeira, mas não são poucos os motivos.

O EFEITO FLAMENGO

No caso das equipes do Nordeste, deve-se levar em consideração o fato de que boa parte dos torcedores dessa região prefere equipes do eixo Rio-São Paulo, como Flamengo, Vasco, Corinthians e São Paulo. Os únicos estados dessa região que se esquivam da influência do Sudeste, de acordo com o Ranking Placar das Torcidas são justamente Bahia, Ceará e Pernambuco.

Coincidência ou não, é exatamente lá que estão os recordistas de público da Segundona. São eles Bahia (31 975 torcedores em média), Ceará (11 818), Fortaleza (10 223), e Sport (9 884). Ou seja: são clubes que têm uma base de fãs razoável e que, teoricamente, não dependem de clubes tradicionais jogando em seus estádios para atrair mais gente para suas partidas.

Ranking das Torcidas

1. Flamengo	19,1%
2. Corinthians	14,4%
3. São Paulo	9,1%
4. Vasco	8,4%
5. Palmeiras	7,2%
6. Grêmio	4,5%
7. Atlético Mineiro	4,0%
8. Cruzeiro	3,9%
9. Internacional	2,9%
10. Fluminense	2,7%
11. Bahia	2,5%
12. Santos	2,4%
13. Botafogo	2,3%
14. Sport	1,6%
15. Santa Cruz	1,5%
16. Fortaleza	1,3%
17. Coritiba	1,3%
18. Atlético-PR	1,2%
19. Paysandu	1,1%
20. Vitória	1,1%
Outros	7,5%

*PESQUISA REALIZADA COM 10 MIL LEITORES DA PLACAR

> O TORCEDOR BAIANO É DIFERENTE DAQUELES DO RESTO DO PAÍS. ELES VÃO SEMPRE AO ESTÁDIO E APÓIAM MUITO O TIME
>
> VADÃO, TÉCNICO DO BAHIA NA SÉRIE B

Dez maiores públicos em 2004 (Série A x B)

SÉRIE A			SÉRIE B		
29/8	Palmeiras 0 x 1 Corinthians	35 229	10/10	Bahia 1 x 0 Náutico	59 900
19/9	Corinthians 0 x 0 São Paulo	31 180	13/11	Bahia 1 x 1 Avaí	57 053
12/9	Fluminense 2 x 1 Flamengo	29 658	4/9	Bahia 3 x 1 Náutico	53 510
2/5	Corinthians 0 x 4 Palmeiras	28 644	5/10	Bahia 1 x 0 Avaí	49 243
8/8	Corinthians 2 x 2 Botafogo	26 979	13/8	Bahia 2 x 2 Fortaleza	39 409
24/10	Vasco 1 x 0 Flamengo	23 940	30/7	Bahia 4 x 1 Joinville	37 869
24/7	Goiás 3 x 3 Santos	23 824	21/8	Bahia 3 x 2 Santa Cruz	37 680
30/5	Goiás 2 x 2 Flamengo	23 731	2/7	Fortaleza 2 x 2 Ceará	33 400
25/9	Paysandu 3 x 1 Cruzeiro	22 216	17/9	Bahia 2 x 0 Paulista	30 434
30/10	Santos 5 x 0 Fluminense	21 763	25/9	Santa Cruz 2 x 1 Santo André	28 027

O mais visível deles é a vertiginosa queda de nível da Série A. A debandada de nossos craques para o futebol europeu e a queda do nível técnico das equipes contribuiu bastante. Melhor exemplo é o Cruzeiro. Com um elenco estelar em 2003, a Raposa cansou-se de encher as arquibancadas do Mineirão, levando mais de 50 mil pessoas ao estádio em pelo menos três oportunidades e registrando média de 26 109 por jogo. Em 2004, com um time bastante inferior, despencou o público: só 6 704 pagantes por partida.

Somado a isso, o mau desempenho de equipes tradicionais e populares, como Flamengo, Grêmio e Atlético Mineiro contribuiu para esse declínio. O resultado do péssimo ano dessas equipes foi visto claramente nas arquibancadas. Enquanto em 2003, a média de público foi de 9 919 pagantes na temporada 2004 ficou em pouco mais de 7 600 torcedores.

A vantagem dos quadrangulares finais

Para pavor dos defensores dos pontos corridos, outro aspecto que deve ser levado em consideração a favor da boa média de público de algumas equipes da Série B é a presença das duas fases finais, disputadas em quadrangulares. Robert é um dos que preferem essa fórmula, por toda emoção envolvida. "Mas acho que se a Série B fosse disputada em pontos corridos e o Bahia tivesse chances de ser promovido, a casa também estaria cheia."

Os números comprovam: dos oito clubes que se classificaram para a segunda fase da competição, apenas três – Fortaleza, Náutico e Marília – não tiveram suas médias de público aumentadas. Entre os quatro participantes do quadrangular final, só o tricolor cearense não o fez. Dos que atraíram mais torcedores para seus estádios depois de classificados para a segunda fase, destaque mais uma vez para o Bahia, cujo público cresceu praticamente 20%, com acréscimo de, em média, 5 412 em seus jogos realizados na Fonte Nova.

Além do grande número de presentes, a torcida do Bahia tem um outro trunfo: diversos megafones nas arquibancadas para que os jogadores e o técnico Vadão não "percam a concentração."

Festa do Bahia na Fonte Nova: não importa a divisão; a paixão do torcedor é a mesma

ÉDSON RUIZ

Média de público (Série A e B)		
	2003	2004*
SÉRIE A	9 919	7 670
SÉRIE B	5 504	6 347

FONTE: CBF *ATÉ A 42ª RODADA

FUTURA PRESS

Fortaleza x Remo: o time de Belém, outro sucesso de público, acabou send[o] rebaixado para a Série C

É "bom" ser rebaixado

Por mais surpreendente que possa parecer, cair para a Segundona tem lá suas vantagens para equipes tradicionais. Palmeiras e Bahia que o digam. Os dois times, campeões nacionais em outros tempos, amargaram o rebaixamento em 2002 e 2003 respectivamente e viram seus estádios encherem mais do que nos tempos em que freqüentavam a primeira divisão.

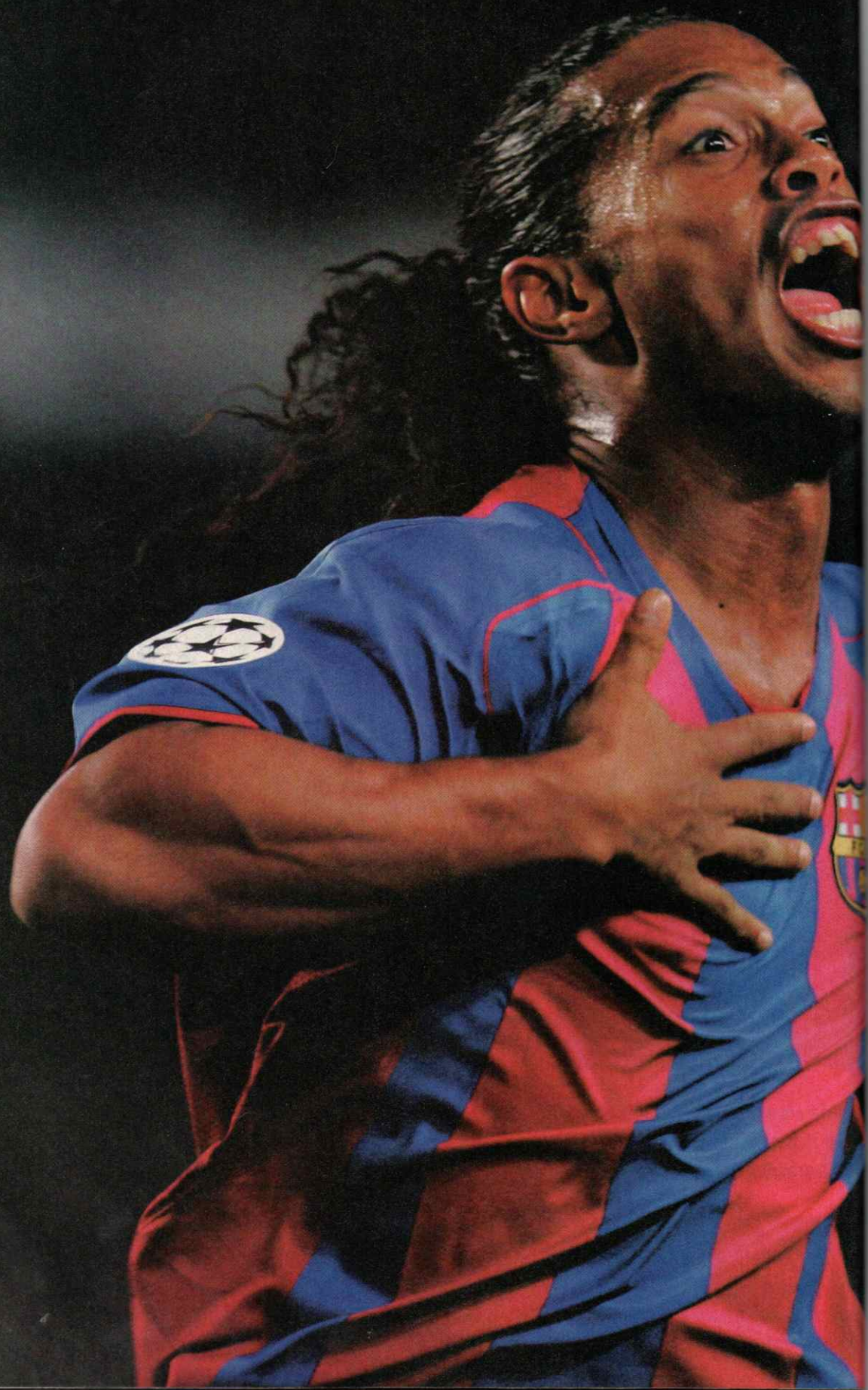
No ano passado, quando lutava para voltar à elite, o Verdão levou uma média de 16 850 torcedores fiéis e empolgados ao Parque Antártica. De volta à Série A, mesmo quando ainda tinha chances de sagrar-se campeão, o número caiu para 12 592 pessoas por jogo – com um nível de cobrança bem maior, por sinal. Ainda assim, porém, trata-se da segunda melhor média do campeonato de 2004.

O mesmo acontece com o Bahia. Em 2003, quando caiu, o time levou 13 004 pagantes, em média, à Fonte Nova. Uma média mais do que razoável para um clube que lutava contra o descenso. Mas quando os números são comparados à atual média (mais de 30 mil por partida), a diferença é gritante. "Isso *(a segunda divisão)* mexe com o torcedor, que passa a se solidarizar mais com o time", afirma Robert, que atuou em outros times populares, como Santos, Corinthians, Atlético-MG e Grêmio. Com equipes tradicionais entre as rebaixadas neste ano, é de se esperar que a Série B continue com médias de público surpreendentes em 2005.

Médias de público por clube (Série A x B)

SÉRIE A		SÉRIEB	
1. Corinthians	**14 435** (303 142/21 jogos)	1. Bahia	**31 975** (511 606/16 jogos)
2. Palmeiras	**12 592** (251 832/21 jogos)	2. Ceará	**11 818** (141 812/12 jogos)
3. Atlético-PR	**12 252** (257 285/21 jogos)	3. Santa Cruz	**10 602** (159 024/15 jogos)
4. Santos	**11 760** (246 958/21 jogos)	4. Fortaleza	**10 223** (163 565/16 jogos)
5. Paysandu	**11 060** (221 192/21 jogos)	5. Sport	**9 884** (128 496/13 jogos)
6. Figueirense	**10 916** (229 226/21 jogos)	6. Brasiliense	**9 754** (156 062/16 jogos)
7. Internacional	**9 375** (187 500/20 jogos)	7. Remo	**8 819** (105 833/12 jogos)
8. Goiás	**9 098** (181 966/20 jogos)	8. Náutico	**8 531** (136 497/16 jogos)
9. Fluminense	**8 090** (161 794/20 jogos)	9. Avaí	**4 439** (71 028/16 jogos)
10. Coritiba	**7 781** (161 794/20 jogos)	10. Vila Nova	**3 897** (46 766/12 jogos)

FONTE: CBF

O ALVIVERDE IMPONENTE
PALMEIRAS
A história em versão alviverde. É isso o que você vai encontrar no Almanaque do Palmeiras. São 450 fichas técnicas dos 90 anos do clube. Todos os ídolos, os recordes, as histórias das taças, os grandes times, bastidores nunca revelados e muito mais.
Já nas bancas, revistarias e livrarias.
Ou receba em casa comprando pela internet: www.placar.com.br
Pelo telefone: (11) 6846-4747 Por email: produtos@abril.com.br
PLACAR
EDITORA Abril
Almanaque do PALMEIRAS

POR QUE RONALDINHO GAÚCHO TEM O MUNDO A SEUS PÉS?

INDEPENDENTEMENTE DO RESULTADO DA ELEIÇÃO DA FIFA SOBRE O MELHOR DO MUNDO, O CRAQUE BRASILEIRO COMANDA O REABILITADO BARCELONA E SE FIRMA COMO O MAIS ESPETACULAR JOGADOR DA ATUALIDADE. SEUS ARGUMENTOS: DRIBLES, PASSES, LANÇAMENTOS E GOLS GENIAIS

Ronaldinho festeja mais um gol: "El Mago" repete o sucesso de outros craques brasileiros no Barça – Romário, Ronaldo e Rivaldo

MARCA

"Deus existe. É brasileiro e joga aqui, no Barcelona". Essa faixa já está virando tradição no Camp Nou. Depois de Romário, Ronaldo e Rivaldo, é a vez de Ronaldinho Gaúcho ser homenageado por essas palavras. Em pouco mais de um ano, os momentos mágicos foram tantos que ele já garantiu seu lugar na dinastia de reis brasileiros da Catalunha. Não há dúvida de que, em 2004, ninguém encantou tanto quanto Ronaldinho. O segredo do "Mago", como ele é chamado na Espanha, é aliar fintas, dribles e toques fabulosos com grande dose de objetividade. Mais do que isso: quando o time precisa dele, o gaúcho tira da cartola um lance fantástico e dá a vitória para o Barça, como aconteceu, por exemplo, na partida contra o Milan no Camp Nou, pela Liga dos Campeões, em 2 de novembro.

Ronaldinho chegou ao Barcelona pouco antes do início da temporada 2003/04. Para tê-lo, duelavam o então campeão inglês Manchester United e o Barcelona, que vinha de uma péssima campanha no Campeonato Espa-

FOTOS: MARCA

Ídolo absoluto entre os catalães": "Deus existe, é brasileiro e joga aqui", diz a faixa no estádio Camp Nou

nhol anterior (sexto lugar). Segundo os boatos, o Real Madrid também estava na disputa. O time inglês foi o primeiro a fazer uma oferta, mas Ronaldinho acabou preferindo o Barça. O jogador e seu irmão Assis avaliaram que em Barcelona a adaptação seria mais fácil e ele teria menos pressão que em Manchester ou Madri. Estavam certos. Hoje, seu time lidera o Espanhol e é um dos que jogam futebol mais bonit na Europa, enquanto Manchester e Real pas sam por fase opaca.

Nos primeiros meses na Catalunha, os lance maravilhosos do brasileiro já apareciam co certa freqüência, mas os resultados ainda não. grande virada foi a contratação, em janeiro d 2004, do holandês Davids. O volante deu u jeito no meio-de-campo do Barcelona, cuidand da marcação e da saída de bola, e permitiu qu Ronaldinho se concentrasse só no que faz d melhor: criar. Com isso, o Barcelona empreen deu uma recuperação fantástica no campeona to. Não dava mais tempo de ganhar o título, m o time ainda teve o gostinho de terminar a com petição na frente do arqui-rival Real Madrid. A final da temporada, Davids voltou para a Itáli mas o Barcelona se reforçou bem, com Dec Giuly, Belletti, Edmilson, Eto'o e Larsson. Co um elenco de apoio de primeira linha em prat camente todas as posições e um esquema táti ofensivo, o cenário estava pronto para Ronald nho encantar o mundo.

> **"VÊ-LO JOGAR É UM PRAZER. ELE É ÚNICO E ESTÁ ACIMA DOS OUTROS. É O MAIS TALENTOSO DA ATUALIDADE"**
>
> DIEGO ARMANDO MARADONA

E o jogador não decepcionou, tornando ca partida do Barcelona um show em potencia Ronaldinho, merecidamente, ficou entre favoritos para ganhar a Bola de Ouro da revis France Football e entre os três finalistas de Jog dor do Ano da FIFA – prêmio, aliás, que Rivald Romário e Ronaldo faturaram enquanto usava a camisa azul e grená.

Não faltam craques que endossam a qualida de Ronaldinho. A declaração que ganhou m espaço foi a de Diego Maradona: "Vê-lo jogar um prazer. Ele é único e está um nível acim dos outros. É com certeza o jogador mais tale toso da atualidade". *El Pibe* foi além, sente ciando que o gaúcho é seu "sucessor natural". verdade que não foi a primeira vez que Marad na apontou alguém como seu sucessor (e 2002, por exemplo, o argentino deu declaraçõ parecidas sobre Aimar), mas, desta vez, sente- algo diferente. Se Ronaldinho mantiver o rit de 2004, podemos mesmo estar diante de u novo Maradona.

Zico, Romário e Pelé fizeram coro aos elogios, apontando Ronaldinho como o melhor jogador da atualidade. Até Roberto Carlos, do rival Real Madrid, prestou sua homenagem: "O Ronaldinho Gaúcho é o melhor jogador da atualidade. Tem também o Zidane, mas ele é mais velho. Por ser jovem, o Ronaldinho ainda tem grande chance de ser eleito o melhor do mundo". E a torcida concorda. Em pesquisa realizada pelo Datafolha em São Paulo, mais da metade (52%) dos entrevistados que declaram ter muito interesse por futebol disseram que se encantam mais com os dribles do ídolo do Barcelona do que com as qualidades de seu xará do Real Madrid.

Os segredos do sucesso

Além do fabuloso desempenho dentro de campo, a "explosão" de Ronaldinho também se deve a outros fatores. O primeiro foi a escolha inteligente do time onde passou a jogar. Ele foi para uma equipe grande, em que brigaria por títulos, mas, ao mesmo tempo, seria o astro do time, sem contestações – se estivesse no Real Madrid, por exemplo, teria que brigar por espaço na mídia com

Os rivais

No Brasil e na Espanha, é consenso que Ronaldinho Gaúcho é o melhor jogador da atualidade. Mas isso não acontece no mundo todo. Em alguns países, há jogadores ainda mais admirados que o brasileiro. Na Inglaterra, só se fala em um nome: Thierry Henry. Realmente, o desempenho do francês do Arsenal foi impecável na temporada 2003/04. Seu time terminou o Campeonato Inglês invicto, e Henry foi artilheiro da competição, com 30 gols, muitos dos quais verdadeiras obras de arte.

Quando o assunto é gol, o nome certo na Itália é Andriy Shevchenko. O atacante do Milan já prova há bastante tempo que é o homem de frente mais completo e regular da atualidade. Para "Sheva" se consagrar de vez, só falta levar a Ucrânia a um torneio importante – o que pode acontecer na Copa de 2006. Henry e Shevchenko são os finalistas do prêmio da FIFA ao lado de Ronaldinho. Ainda na Itália, quando o assunto é jogador de criação, Francesco Totti aparece na frente de Ronaldinho.

Se sairmos da Europa e formos para a "periferia" do futebol, ganham força os nomes dos "galácticos" do Real Madrid: Ronaldo, Beckham e Zidane. Embora 2004 tenha sido um ano fraco para o time espanhol, a idolatria que esses jogadores alcançam ainda supera a de Ronaldinho Gaúcho. Mas do jeito que as coisas vão, não por muito tempo...

Cumprimentado pelo italiano Maldini: Ronaldinho já virou celebridade internaciona

GIULIANO BEVILACQUA

O brasileiro alia alta técnica e objetividade: "O mais importante é ajudar o time. Feito isso, quero que o público se divirta com meu jogo."

meia dúzia de outros "galácticos". O Barcelona também tem uma tradição de idolatrar brasileiros na última década, então lá Ronaldinho encontrou uma torcida mais que disposta a recebê-lo de braços abertos.

O Barça, sabendo da jóia rara que tinha, também potencializou o uso da imagem de Ronaldinho. Nike e Pepsi, os dois principais patrocinadores do jogador, também têm campanhas ancoradas em sua habilidade. Até a Liga Espanhola escolheu o brasileiro como garoto-propaganda, deixando de lado a constelação de Madrid. Mas o mais importante é que toda a exposição de Ronaldinho Gaúcho foi ganha graças a seu talento dentro de campo. Diferentemente de jogadores que são verdadeiros *pop-stars*, como Beckham ou Ronaldo, Ronaldinho mantém-se discreto em sua vida particular. Ou seja, para aparecer na mídia, o jogador do Barcelona não precisou fazer uso de cortes de cabelo ou namoradas – foi só com o futebol.

E de onde vem tamanho talento? Ele mesmo responde: "Desde pequeno, eu me concentro 2[4] horas por dia no futebol. Eu vivo para ele. E[u] como, bebo e durmo para o futebol. Se você m[e] der uma bola, eu viro o cara mais feliz do mun[do]". Então, esse é o segredo: a alegria de joga[r]. Dentro de campo, Ronaldinho não cansa de ex[i]bir seu já famoso sorriso. Nota-se que para el[e] jogar é um prazer e isso faz a diferença. "Essa pa[i]xão é um dos segredos da minha habilidade. E[u] crio os gestos, repito os movimentos, o control[e], pratico os dribles. Cada vez que toco a bola, e[u] tento melhorar. E isso é uma coisa que só dá pa[ra] fazer se for com prazer", afirma Ronaldinho.

Mas o que diferencia Ronaldinho Gaúcho d[e] outros tantos brasileiros habilidosos é sua capaci[ci]dade de jogar para o time. Ele sabe que o futebo[l] bonito é importante, mas tem que vir acompa[nhado] de resultados. "O mais importante é aju[dar] o time, passando as bolas, fazendo gols, mar[cando], voltando para a defesa. Feito isso, eu tent[o] fazer com que o público se divirta com me[u] jogo", diz o gaúcho.

Só falta brilhar tanto na Seleção

Se em 2004 Ronaldinho Gaúcho foi incontestável no Barcelona, na Seleção Brasileira o craque teve altos e baixos. Aliás, pode-se dizer que nos 11 jogos que fez com a camisa amarela no ano, o jogador foi um termômetro do Brasil: quando o time jogou bem, ele foi bem; quando a equipe como um todo jogou mal, ele também decepcionou. Longe de ser coincidência, tal relação mostra que mesmo na multiestrelada Seleção Brasileira Ronaldinho Gaúcho é jogador-chave.

Pelo Brasil, Ronaldinho fez apenas dois grandes jogos em 2004. Pena que esses foram amistosos contra adversários fracos. Em abril, contra a Hungria, o jogador do Barcelona brindou a torcida com alguns lances maravilhosos, incluindo uma bela bicicleta e um golaço no segundo tempo. Contra o Haiti, Ronaldinho foi o melhor jogador em campo num verdadeiro show da Seleção. E foi só isso. Nas outras nove partidas, marcou um gol de falta contra a Alemanha e fez alguns bons passes e lançamentos, nada mais.

Mas por que essa diferença de rendimento? Em primeiro lugar, há a questão física e de entrosamento – problema que afeta todos os astros brasileiros, que também costumam brilhar menos na Seleção do que em seus clubes.

Outra questão importante é o "fator highlight". Nos jogos do Barcelona, o público brasileiro, em geral, só tem acesso aos grandes lances de Ronaldinho. Quando ele tem uma atuação apagada, esta é pouco noticiada, o que cria a impressão de que o brasileiro faz chover a cada vez que toca na bola. Naturalmente, não haveria como ele manter tal nível idealizado nos 90 minutos de cada jogo com a Seleção.

Mas a diferença mais importante é tática. O Barcelona conta com o zagueiro Márquez atuando como volante no meio-de-campo. Como os laterais também apóiam, a superioridade numérica do Barcelona na zona central fica garantida, o que deixa Ronaldinho livre para jogar mais adiantado, praticamente como um atacante, preferencialmente pela esquerda. Na Copa de 2002, quando ele teve grande desempenho, sua função foi parecida, atuando como segundo atacante, num esquema próximo a um 4-3-3. Como Parreira gosta mais do 4-4-2, o gaúcho acaba atuando mais recuado, o que causa certa queda de rendimento. Se o técnico mudar isso, quem sabe possamos ver o brilho pleno do gênio com a camisa amarela.

RENATO PIZZUTTO

PARA LEMBRAR

QUEM NÃO GOSTA DE UMA BOA DISCUSSÃO SOBRE OS MELHORES E OS PIORES DO ANO? EIS NOSSA CONTRIBUIÇÃO PARA O DEBATE

Quem foi o craque do ano? E as principais revelações? Quem era considerado perna-de-pau e hoje é reverenciado? Quem vivenciou as maiores alegrias? E as mais sofridas tristezas? Todas essas perguntas — e muitas outras — estão respondidas nas próximas páginas. São as listas que todo torcedor gosta de debater e que jamais permitem a unanimidade. Afinal, se todo mundo concordasse, o futebol perderia a graça. Por isso, as escolhas feitas a seguir por Placar são, na verdade, contribuições para o debate, uma forma de refrescar a memória do leitor. Por isso também não procuramos ordená-las — exceto nas maiores contratações. Do contrário, a redação estaria discutindo até agora e a revista não ficaria pronta...

OS ELEITOS

JÁDER DA ROCHA

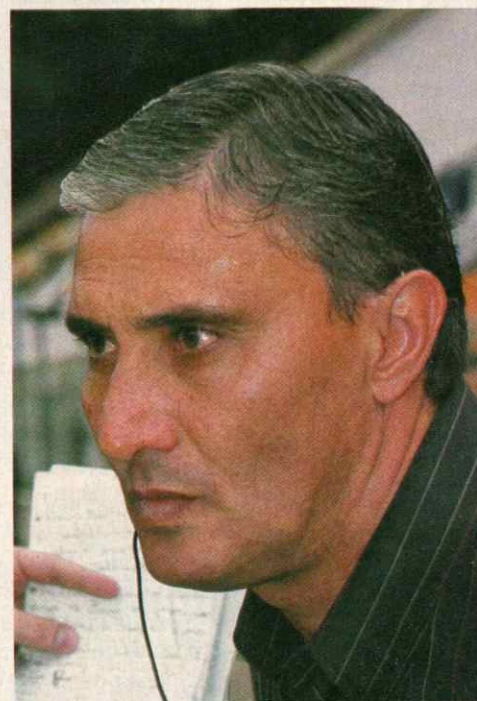
E ESQUECER...

RENATO PIZZUTTO

PIER GIAVELLI

DARYAN DORNELLES

O que Washington, Rincón, Adriano, Tite, Grafite e Dimba têm em comum? Foram alguns dos grandes personagens do futebol brasileiro em 2004. Muitos nos encheram de alegria, como Washington e Adriano, outros, nem tanto. Mas seus nomes estão gravados, para o bem ou para o mal, na memória dos torcedores de Norte a Sul do país

ALEXANDRE BATTIBUGLI

RENATO PIZZUTTO

O jovem craque da Seleção Inglesa Rooney foi a grande contratação do Manchester United nesta temporada

AS 10 MAIORES CONTRATAÇÕES DO MUNDO

Dinheiro na mão é vendaval... Morram de inveja cartolas dos países emergentes, mas os seus pares dos clubes europeus são capazes de pagar valores impensáveis, não apenas por craques consagrados, mas também pelas jovens promessas. Quem está com a grana, mesmo, são os clubes ingleses. Afinal, eles foram os responsáveis pelas três maiores contratações do ano. A mais cara parece ser de gosto duvidoso: o Chelsea desembolsou astronômicos 129 milhões de reais para o Olympique de Marselha pelo atacante Drogba. Quem parece ter feito melhor negócio foi o Manchester United, que pagou 103 milhões de reais pelo precoce Rooney. Entre os brasileiros, o volante Émerson, perseguido pela imprensa nacional, foi comprado a preço de ouro pela Juventus.

Jogador	Valor
DROGBA OLYMPIQUE DE MARSELHA PARA O CHELSEA	R$ 129,3 MILH
ROONEY EVERTON PARA O MANCHESTER UNITED	R$ 103,4 MILH
RICARDO CARVALHO PORTO PARA O CHELSEA	R$ 98,3 MILHÕ
EMERSON ROMA PARA A JUVENTUS	R$ 93,1 MILHÕ
ETO'O MALLORCA PARA O BARCELONA	R$ 93,1 MILHÕ
SAMUEL ROMA PARA O REAL MADRID	R$ 82,8 MILHÕ
ADRIANO PARMA PARA A INTERNAZIONALE	R$ 72,4 MILHÕ
CISSÉ AUXERRE PARA O LIVERPOOL	R$ 72,4 MILHÕ
WOODGATE NEWCASTLE PARA O REAL MADRID	R$ 67,3 MILHÕ
SAHA FULHAM PARA O MANCHESTER UNITED	R$ 62,1 MILHÕ

* A Inter já havia dado ao Parma parte desse valor em 2003

CRAQUES DO ANO

Qualquer lista de grandes nomes do ano no futebol brasileiro e internacional deveria conter os cinco talentos ao lado. Ronaldinho Gaúcho só não fez chover com a camisa do Barcelona, enquanto o inglês Henry e o ucraniano Shevchenko reuniram habilidade e eficiência no ataque dos campeões Arsenal e Milan. Não por acaso, o trio foi finalista do prêmio de "Melhor do Ano", promovido pela Fifa. Outros dois craques sul-americanos merecem ser reverenciados. O santista Robinho provou que, além do talento nato, tem capacidade de aprimorar seus fundamentos e tornou-se um dos artilheiros da equipe. Seu futebol foi seqüestrado na reta final do Brasileirão, e o Santos sentiu tremendamente sua ausência. Do outro lado da fronteira, Carlito Tevez levou a Argentina à medalha de ouro nas Olimpíadas e, como se não bastasse, foi contratado pela MSI, nova parceira do Corinthians.

RONALDINHO GAÚCHO
ROBINHO
TEVEZ
SHEVCHENKO
HENRY

Tevez: conquistou a medalha de ouro para a Argentina e tornou-se o sonho de consumo da parceria corintiana

EL GRÁFICO

MARCA

O Barça de Ronaldinho, Puyol e Deco: entre os melhores do ano

MELHORES TIMES

Páreo duro. O mundo não teve "o time" em 2004. Pela reação impressionante no Campeonato Espanhol, pelo espetáculo, por Ronaldinho Gaúcho, o Barça poderia ser apontado como o esquadrão do ano. Mas o time não ganhou nenhum título na temporada... O Milan, de Kaká, Shevchenko e ilustre companhia ganhou, mas não o que desejava. A conquista do Italiano não compensou a frustração da eliminação na Liga dos Campeões. Espaço aberto para o Arsenal, do francês Henry. Mas o título inglês invicto e algumas exibições de gala também não garantiram a sonhada Champions League. No terreno doméstico, destaque para o Atlético Paranaense e o heróico Santo André, campeão da Copa do Brasil.

- BARCELONA
- MILAN
- ARSENAL
- ATLÉTICO PARANAENSE
- SANTO ANDRÉ

REVELAÇÕES

A Eurocopa, depois da Copa do Mundo, é a melhor vitrine para se conferir os craques que surgem nos principais centros futebolísticos do mundo. Lá, brilharam dois jovens jogadores: o invocado e oportunista atacante inglês Rooney virou xodó no seu país e trocou o Everton pelo Manchester United. Outra grata surpresa foi o holandês Robben, com sua canhota infernal. No Brasil, mais confirmações que revelações. O meia Jadson, que surgiu no Atlético-PR em 2003, se firmou na equipe. O artilheiro Fred, implacável com os dois pés, ganhou mais brilho depois que trocou o América-MG pelo Cruzeiro. No Goiás, a quebra de um preconceito. Japonês é bom de bola? Rodrigo Tabata provou que sim.

RENATO PIZZUTTO

Fred: habilidade para concluir de direita e de esquerda na Raposa

- FRED (CRUZEIRO)
- ROBBEN (CHELSEA)
- ROONEY (INGLATERRA)
- JADSON (ATLÉTICO-PR)
- RODRIGO TABATA (GOIÁS)

MAIORES ALEGRIAS

Ah... como é bom ganhar dos argentinos. A vitória por pênaltis na decisão da Copa América, com time reserva, após um golaço de Adriano nos acréscimos, foi o que de melhor aconteceu esse ano. Vencer assim não tem preço. Alegria comparável só mesmo a outra vitória cruel sobre os argentinos: os 3 x 1 nas Eliminatórias, no Mineirão, três gols de pênalti de Ronaldo, para desespero dos gringos, inconformados com o árbitro. *Hermanos* à parte, nossas meninas também fizeram bonito, jogando bom futebol e beliscando a medalha de prata na Olimpíada de Atenas.

VITÓRIA NOS PÊNALTIS SOBRE A ARGENTINA NA DECISÃO DA COPA AMÉRICA, APÓS GOL DE EMPATE NO ÚLTIMO MINUTO

VITÓRIA SOBRE A ARGENTINA NAS ELIMINATÓRIAS, COM TRÊS GOLS DE PÊNALTI DE RONALDO

SAÍDA DO BIANCHI DO BOCA JUNIORS

AS ATUAÇÕES DE RONALDINHO GAÚCHO COM A CAMISA DO BARCELONA

A MEDALHA DE PRATA DO FUTEBOL FEMININO

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Festa no Brasil: vitória sobre a Argentina com três gols de pênalti

Sílvio Luiz e o zagueiro Serginho: 2004 podia acabar sem esta

RENATO PIZZUTTO

MAIORES TRISTEZAS

Os torcedores também acompanharam acontecimentos tristes em 2004: a morte do zagueiro Serginho, do São Caetano, vítima de um ataque cardíaco em pleno gramado do Morumbi, chocou o Brasil e colocou o clube na berlinda. Outros episódios, menos dramáticos, foram no entanto lamentáveis cenas de desperdício de talento. Por aqui, Ronaldinho Gaúcho não brindou a Seleção com os mesmos "regalos" que ofereceu aos catalães. E os galácticos do Real Madrid ficaram devendo em mais uma temporada.

O DESPERDÍCIO DE TALENTOS DO REAL MADRID

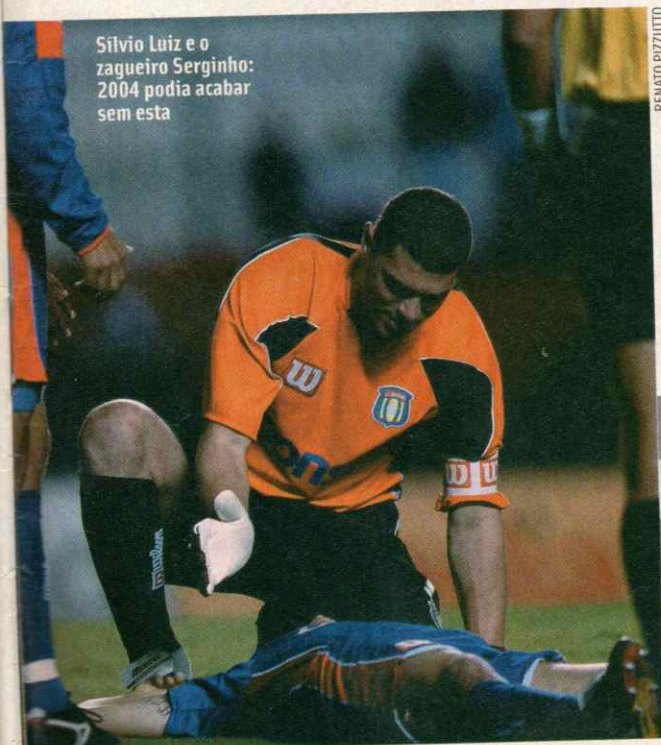
MORTE DO ZAGUEIRO SERGINHO, DO SÃO CAETANO

SEQÜESTRO DA MÃE DE ROBINHO

AS ATUAÇÕES DE RONALDINHO GAÚCHO COM A CAMISA DA SELEÇÃO BRASILEIRA

O FRACASSO NO PRÉ-OLÍMPICO

AS 10 MAIORES CONTRATAÇÕES DO BRASIL

O atacante Fernandão chegou ao Beira Rio e assumiu a condição de dono do time

Com pouco dinheiro disponível, sem parcerias salvadoras e acostumados a venderem seus craques para fechar as contas, os clubes brasileiros precisam estar atentos às boas oportunidades do mercado para reforçar suas equipes. Entre tantas contratações desastradas, algumas são como tiros certeiros no alvo. Assim foram as chegadas dos atacantes Fernandão no Inter, Washington no Atlético-PR, Deivid no Santos e Osmar no Palmeiras. Da mesma forma, a boa novidade pode vir pelas beiradas: Ânderson Lima deu força ao lado direito do São Caetano, enquanto Júnior equilibrou o São Paulo pela esquerda. Há reforços que acertam o meio-campo, como Ricardinho no Santos ou Petkovic no Vasco — a bem da verdade, "Pet" foi uma ilha de talento em São Januário. E alguns técnicos também merecem estar listados entre as grandes contratações do ano. Afinal, Tite e Estevam Soares caíram como uma luva nos rivais Corinthians e Palmeiras.

- FERNANDÃO (INTER)
- JÚNIOR (SÃO PAULO)
- TITE (CORINTHIANS)
- RICARDINHO (SANTOS)
- PETKOVIC (VASCO)
- WASHINGTON (ATLÉTICO-PR)
- OSMAR (PALMEIRAS)
- DEIVID (SANTOS)
- ÂNDERSON LIMA (SÃO CAETANO)
- ESTEVAM SOARES (PALMEIRAS)

banrisul
BOTAFOGO NO CORAÇÃO
8
TOPPER
EDSON VARA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

AS 10 PIORES CONTRATAÇÕES DO BRASIL

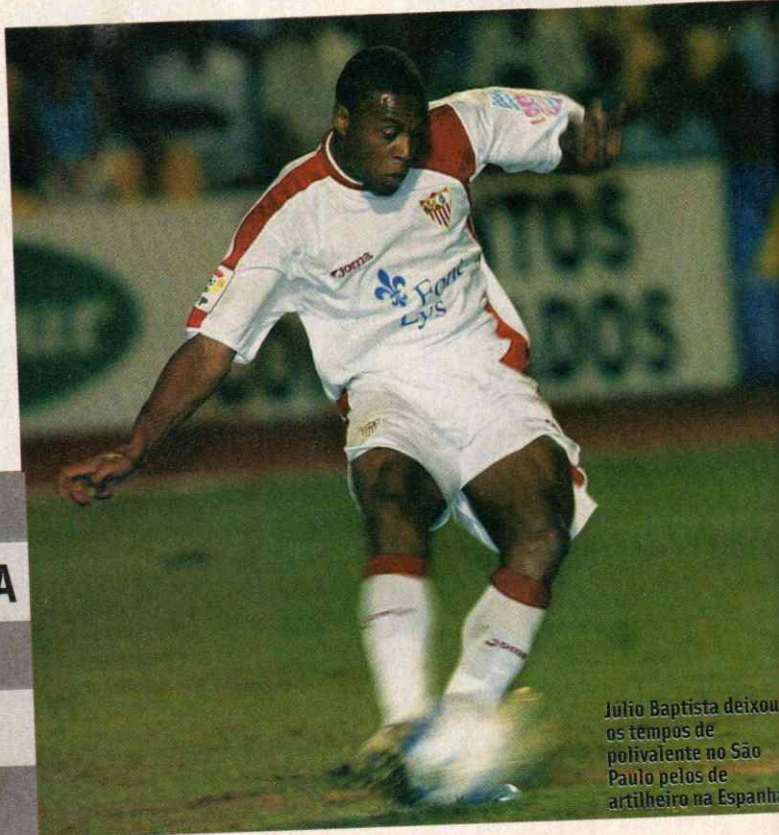
Eles chegam cercados de grande espectativa e como verdadeiros salvadores da pátria — e normalmente convertem-se em retumbantes decepções. No início do ano, o colombiano Rincón (*foto*) chegou ao Parque São Jorge como a liderança que o Corinthians precisava. Alguns jogos depois, ficou claro que não possuía o mesmo vigor de outros tempos. Pior foi o empobrecido Flamengo, que pagou um salário milionário pelos gols que Dimba infelizmente não marcou. Quem também contratou gato por lebre foi o Vitória, que sonhou com o Vampeta pentacampeão e se deparou com um jogador à beira da aposentadoria — mesmo erro do Fluminense com Edmundo, do Grêmio com Arílson e do Palmeiras com Renaldo.

- RINCÓN (CORINTHIANS)
- RONDON (SÃO PAULO)
- DIMBA (FLAMENGO)
- RENALDO (PALMEIRAS)
- ARÍLSON (GRÊMIO)
- EDMUNDO (FLUMINENSE)
- VAMPETA (VITÓRIA)
- ROBGOL (SANTOS)
- ALEX ALVES (VASCO)
- SORÍN (CRUZEIRO)

BONDE QUE VIROU CRAQUE

Alguns jogadores, de repente, se descobrem. Não se sabe se é a fase astral, uma identificação especial com o clube ou o treinador, o fato é que aqueles que antes eram considerados "bondes" por alguns revelam-se craques para muitos. O antes tosco Grafite ganhou no São Paulo um ímpeto impressionante; Júlio Batista demonstrou ser um artilheiro na Espanha, assim como Adriano parece "imparável" na Inter. Já o colombiano Henao mostrou-se um chato competente. E, por fim, Deco, que foi alvo até de ironia de Placar no passado, quando Felipão pensou em convocá-lo para a Seleção Brasileira. Sorry, Deco...

- GRAFITE
- JÚLIO BAPTISTA
- HENAO
- ADRIANO
- DECO

MARCA

Júlio Baptista deixou os tempos de polivalente no São Paulo pelos de artilheiro na Espanha

VOLTA POR CIMA

Washington tornou-se o maior goleador da história do Brasileiro, mesmo convivendo com um delicado problema cardíaco

JADER DA ROCHA

Histórias comoventes de superação ou simplesmente o retorno aos bons tempos. O futebol brasileiro teve dos dois em 2004. No campo das lições de vida estão as trajetórias de Washington e Chiquinho. O goleador do Brasileirão desafiou a medicina e, mesmo com um delicado problema no coração, voltou aos campos e liderou o Atlético-PR no Brasileirão. Chiquinho, revelação do Inter, passou por cima de um grave problema circulatório e também está de volta. Dois personagens tiveram suas imagens arranhadas após passagens apagadas e desastradas pelo Cruzeiro, que era o xodó do Brasil. Rivaldo só foi se reencontrar no futebol grego. O técnico Leão precisou de uma chance no São Paulo para voltar às manchetes. No Palmeiras, Pedrinho, desenganado por muitos, foi a chama solitária de talento do time, apesar de algumas implicâncias do técnico Estevam Soares com ele.

- WASHINGTON (ATL-PR)
- PEDRINHO (PALMEIRAS)
- RIVALDO (OLYMPIAKOS)
- CHIQUINHO (INTER)
- LEÃO (SÃO PAULO)

VEXAMES

Há momentos que seus protagonistas gostariam de esquecer para sempre, mas que merecem ser gravados. Afinal, é preciso aprender com os próprios erros e com os dos outros. As campanhas do Grêmio, no Campeonato Brasileiro, e do Corinthians, no Campeonato Paulista, são desses episódios exemplares. O tricolor gaúcho não conseguiu escapar da Segundona e agora vai ter de se reerguer. Já o susto corintiano serviu para que o clube parasse de servir de paradouro para jogadores sem destino. Com Tite à frente de uma equipe de garotos, o Timão recuperou a postura. Algo, aliás, que torcedores e jogadores perderam algumas vezes em 2004, promovendo pancadarias ou demonstrações de racismo nas arquibancadas, como se vê nas partidas do Espanhol.

Corinthians escapou do rebaixamento na última rodada do Paulista

RENATO PIZZUTTO

- CAMPANHA DO GRÊMIO NO BRASILEIRÃO E CAMPANHA DO CORINTHIANS NO CAMPEONATO PAULISTA
- BRIGA DE TORCEDORES E JOGADORES DO FLAMENGO
- AS DECISÕES SEM CRITÉRIO DO STJD
- AS REPETIDAS MANIFESTAÇÕES RACISTAS NO FUTEBOL ESPANHOL
- PANCADARIA ENTRE AMÉRICA DO MÉXICO E SÃO CAETANO

BOCA MALDITA

UMA COMBINAÇÃO INFALÍVEL: O ASSÉDIO DE JORNALISTAS, MUITAS PERGUNTAS E NEURÔNIOS CANSADOS. EIS OS MELHORES MOMENTOS DO BLABLABLÁ DE 2004

"ESTOU ENTRANDO PARA A SELEÇÃO"

DANIELA CICARELLI, a namorada do Fenômeno, sobre suas rondas aos treinos na Granja Comary, na *Folha de S.Paulo*

"O QUE O PICERNI FEZ COMIGO NÃO SE FAZ NEM COM UM CACHORRO"

ÉLSON, meia do Palmeiras, sobre ter sido sacado do time para a entrada do "baladeiro" Diego Souza

"DIZ PARA AQUELE NEGRO DE MERDA QUE VOCÊ É MELHOR QUE ELE"

LUIZ ARAGONÉS, técnico da Espanha, pedindo para o atacante Reyes provocar o francês Henry, no diário espanhol Marca

"'BRASIL CAMPEÃO' TEM 13 LETRAS; E 'ARGENTINA VICE', TAMBÉM"

ZAGALLO, que voltou a ganhar notoriedade na Seleção, desta vez, por formar expressões com 13 letras; no caso, após conquistar a Copa América com a vitória nos pênaltis sobre a Argentina

“O CITADINI NÃO ME LIGOU ATÉ AGORA PARA AGRADECER”

MARCELO PORTUGAL GOUVÊA, presidente do São Paulo, sobre o silêncio do vice-presidente do Corinthians após a vitória do Tricolor que livrou o Timão do rebaixamento no Paulista

“O JOGADOR FOI EXPULSO POR PROTESTO E POR TOCAR NOS MEUS TESTÍCULOS”

Relatório do árbitro espanhol ANTÔNIO RUBINOS, sobre a expulsão do meia Ivan De La Peña, do Espanyol, na partida contra o La Coruña, na *Folha de S. Paulo*

“COMO ÁRBITRO, ELE É UM EXCELENTE PLANTADOR DE BATATAS”

LÉO, lateral do Santos, sobre o argentino Horacio Elizondo, depois do jogo entre o Peixe e o Barcelona de Guayaquil, na Vila Belmiro

“A SOLUÇÃO É MATAR O ARMANDO MARQUES”

DAVID FISCHEL, então presidente do Fluminense, sugere um modo de acabar com os prejuízos sofridos pelo seu clube, decorrentes de erros de arbitragem

“EURICO, POR QUE TEM UMA BANDEIRA DE PORTUGAL AQUI?”

ALEX ALVES, sem desconfiar das origens do Vasco da Gama

“NÃO SOU GORDO, SOU BOCHECHUDO. MAS CHURRASCO E FEIJÃO NÃO DÁ, NÉ? INCHA MUITO. AGORA, SÓ UMA VEZ POR SEMANA”

MUÑOZ, sobre sua dieta no Brasil e a aparência de gordinho

O QUE PELÉ BEBEU?

Miguel Queipo, jornalista do diário *As*, sobre a lista dos melhores do Rei

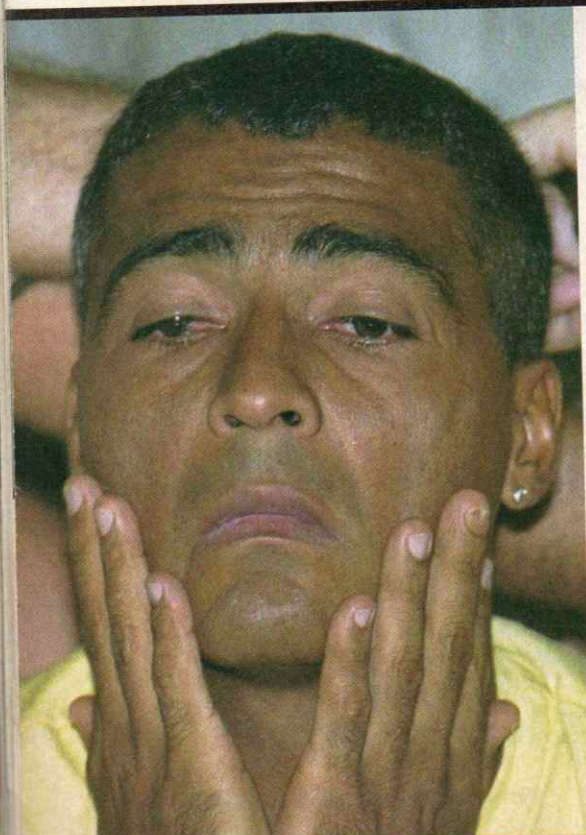
POSSO DIZER QUE O ZIDANE ESTÁ VELHO, SENÃO VIRIA

KIA JOORABCHIAN, o iraniano que comandou a parceria com o Corinthians, sobre contratações da equipe no *Gazeta Esportiva.net*

EU ME ACHO LINDO. GOSTO MUITO DAS MINHAS PERNAS

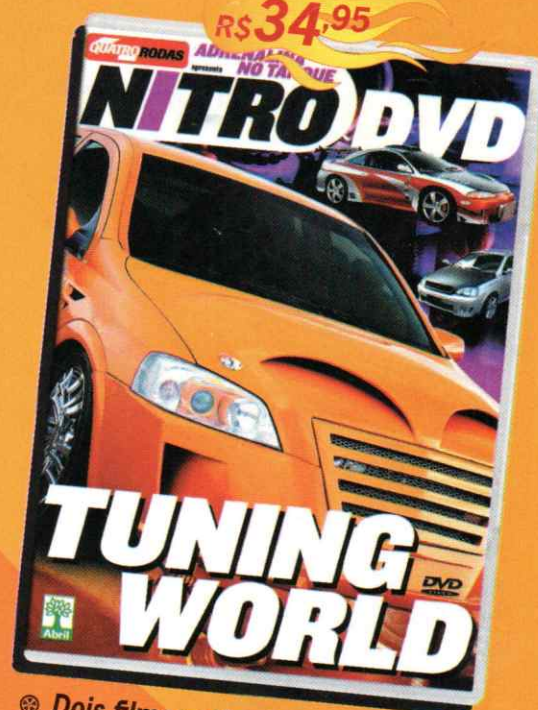
ALEX DIAS, atacante do Goiás

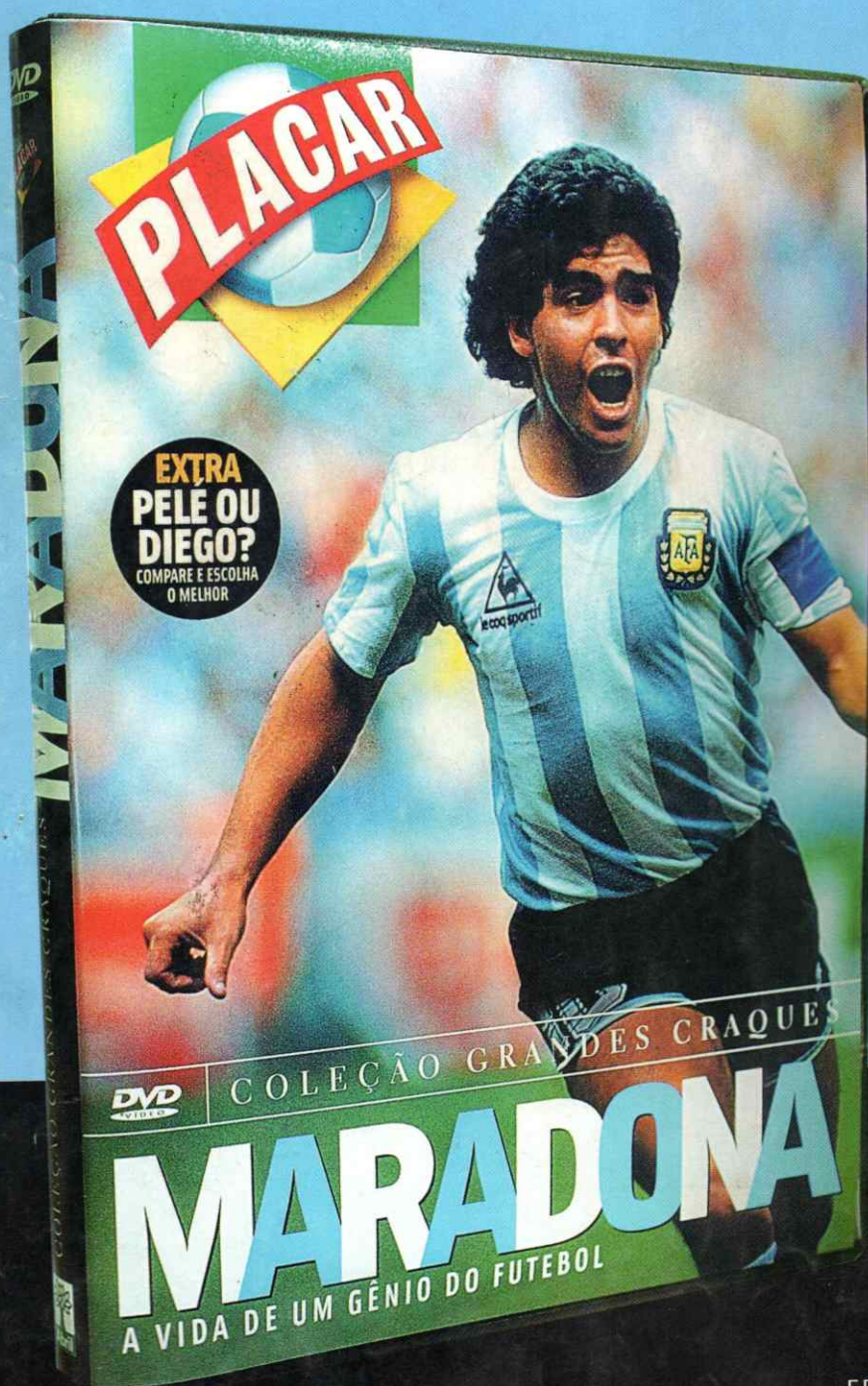
O ÚNICO JOGADOR INVENDÁVEL É AQUELE QUE A GENTE NÃO CONSEGUE VENDER

MÁRIO GIANNINI, diretor do Palmeiras, sobre os atletas do clube, na *Folha de S.Paulo*

ELE NÃO CORRE MAIS NEM PRA COMEMORAR GOL

REPÓRTER DE PLACAR, não identificado, sobre a atual fase de Romário

SE ELE TIVESSE NA CABEÇA O QUE TEM NOS PÉS, SERIA MARAVILHOSO

JUVENAL JUVÊNCIO, diretor do São Paulo, sobre Diego Tardelli

VOCÊ PRECISA TER ESTE DVD EM CASA

Mesmo que seja para morrer de inveja... porque o cara nasceu argentino

Gols impressionantes, dribles inacreditáveis, a vida e a obra de um gênio da bola. Cenas que você nunca viu com a narração de Fernando Vanucci

EXTRAS

PELÉ OU MARADONA?
Compare e escolha o melhor

COMPACTOS HISTÓRICOS
Napoli x Juventus
CAMPEONATO ITALIANO DE 1990
Napoli x Stuttgart
FINAL DA COPA DA UEFA DE 1989

DESTAQUES

10 GOLAÇOS DO GÊNIO
BOLA PARADA, ARMA MORTAL
FLAGRAS DE VESTIÁRIO
DIEGO APANHA, MAS BATE

R$29,95

já nas bancas